

**Frei João Carlos Karling, OFM
(Org.)**

**OS RASTROS
DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS
NA ENCÍCLICA "*FRATELLI TUTTI*"**

ICSFA



Diante de tanta dor, à vista de tantas feridas, a única via de saída é ser como o bom samaritano. Qualquer outra opção deixa-nos ou com os salteadores ou com os que passam ao largo, sem se compadecer com o sofrimento do ferido na estrada. A parábola mostra-nos as iniciativas com que se pode refazer uma comunidade a partir de homens e mulheres que assumem como própria a fragilidade dos outros, não deixam constituir-se uma sociedade de exclusão, mas fazem-se próximos, levantam e reabilitam o caído, para que o bem seja comum. Ao mesmo tempo, a parábola adverte-nos sobre certas atitudes de pessoas que só olham para si mesmas e não atendem às exigências ineludíveis da realidade humana (FT 67).



Província São Francisco de Assis no Brasil

Frei João Carlos Karling, OFM (Organizador)

OS RASTROS DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS NA ENCÍCLICA “*FRATELLI TUTTI*”

Artigos reunidos

Francisco de Assis na Encíclica Fratelli Tutti

Frei Giuseppe Buffon, OFM,

Quem encontra Francisco encontra a fraternidade

Frei Enzo Fortunato, OFMConv

As raízes franciscanas [da Encíclica Fratelli Tutti]

Frei Pietro Maranesi, OFMCap

Fundamento e projeção franciscana da Encíclica Fratelli Tutti.

Frei Bernardo Molina, OFMCap

Tradução dos capítulos

Tradução de: Karling, OFM, Frei João Carlos.

Revisão de: Robaert, OFM, Frei Plácido.

ICSFA
Porto Alegre
2021

PROVÍNCIA SÃO FRANCISCO DE ASSIS NO BRASIL

Av. Juca Batista, 330 – B. Ipanema – 91770-000 – Porto Alegre – RS
CNPJ: 35.332.968/0001-08 – secretariaofmrs@gmail.com

EQUIPE DE COORDENAÇÃO E EDITORAÇÃO

Editoração: Frei João Carlos Karling, OFM, e Frei Arno Frelich, OFM.

Tradução: Frei João Carlos Karling, OFM.

Capa e ilustração: Frei Arno Frelich, OFM.

Revisão: Frei Plácido (Darcísio Urbano) Robaert, OFM.

Títulos originais dos capítulos:

Francesco d'Assisi nell'Enciclica Fratelli Tutti.

Chi incontra Francesco incontra la fraternità.

Le radici francescane [della Enciclica Fratelli Tutti].

Fundamento y proyección Franciscana de la Enciclica Fratelli Tutti.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R231 Os Rastros de São Francisco na Encíclica “Fratelli Tutti”: artigos reunidos: Francisco de Assis na Encíclica Fratelli Tutti, Frei Giuseppe Buffon, OFM; Quem encontra Francisco encontra a fraternidade, Frei Enzo Fortunato, OFMConv; As raízes franciscanas [da Encíclica Fratelli Tutti], Frei Pietro Maranesi, OFMCap; Fundamento e projeção Franciscana da Encíclica Fratelli Tutti, Frei Bernardo Molina, OFMCap / João Carlos Karling, organizador. – Porto Alegre: ICSFA, 2021.
119 p. : Il. : color. ; 21 cm.

Títulos originais dos capítulos: Francesco d'Assisi nell'Enciclica Fratelli Tutti; Chi incontra Francesco incontra la fraternità; Le radici francescane [della Enciclica Fratelli Tutti]; Fundamento y proyección Franciscana de la Enciclica Fratelli Tutti.

Tradução de: Karling, OFM, Frei João Carlos, Revisão de: Robaert, OFM, Frei Plácido.

Dados eletrônicos.

979kB

ISBN 978-65-88060-17-9

Modo de acesso:

<https://www.franciscanos-rs.org.br/ebook-rastrosfrancft>.

1. Fratelli Tutti – Carta Encíclica – Crítica e comentários. 2. Franciscanismo. 3. Influência de São Francisco de Assis. 4. Documentos da Igreja. I. Karling, João Carlos, OFM, org. II. Robaert, Plácido, OFM, rev. II. Título.

CDU 2-78 Franciscanos

Bibliotecária responsável: Andréa Fontoura da Silva – CRB10/1416

Aprovação: Porto Alegre, 02/08/2021; Frei Marino P. Rhoden, OFM; Ministro provincial – PSFAB

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
FRANCISCO DE ASSIS NA ENCÍCLICA <i>FRATELLI TUTTI</i> ... 9	
Valor e significado, uma escolha: Fratelli tutti	9
O canto da Fraternidade ao feminino	12
A autocelebração perverte a Fraternidade	16
“Sujeitos a toda humana criatura”	21
A hospitalidade do “magnânimo Sultão”	25
A Fraternidade cósmica.....	28
Francisco do Concílio Vaticano II	32
QUEM ENCONTRA FRANCISCO ENCONTRA A	
FRATERNIDADE	37
O marco histórico para compreender o pontificado do Papa	
Bergoglio.....	40
A densidade da palavra “fratello”, seja ao masculino quanto ao	
feminino	42
O encontro com São Francisco é o encontro com a fraternidade	
.....	46
AS RAÍZES FRANCISCANAS DA ENCÍCLIA <i>FRATELLI</i>	
<i>TUTTI</i>	53
FUNDAMENTO E PROJEÇÃO FRANCISCANA DA	
ENCÍCLICA <i>FRATELLI TUTTI</i>	69
Abertura.....	69
1. Admoestação VI.....	75
2. O fundamento da Fraternidade e da Amizade Universal,	
segundo Francisco de Assis e a Encíclica Fratelli tutti	82
2.1. A Fraternidade	85
2.2. A Minoridade	88

3. Características que criam a fraternidade e a amizade universal, segundo Francisco de Assis e a Encíclica Fratelli tutti	94
3.1. A penitência	96
3.2. O encontro.....	99
3.3. Respeito (amabilidade)	101
3.4. Diálogo.....	103
3.5. Inclusão	106
3.6. Pacificação	109
3.7. Simplicidade	112
Conclusão.....	115
ALGUNS BREVES DADOS SOBRE OS AUTORES	117
Bernardo Molina	117
Enzo Fortunato	118
Giuseppe Buffon	118
Pietro Maranesi	119

APRESENTAÇÃO

Ao longo do ano de 2021, a Família Franciscana celebra os 800 anos da Regra não Bulada, documento que carrega consigo densa história dos inícios da Ordem e do Movimento franciscano. Documento que condensa espiritualidade, normatividade, respostas e propostas para a vida dos frades. Documento que incorpora ideias presentes em outros escritos de São Francisco de Assis, o que faz retomar o todo da espiritualidade e história franciscanas.

Nesse contexto, em sintonia com a Igreja, não se pode deixar de elencar os vários estudos e reflexões sobre a Encíclica *Fratelli tutti*, do Papa Francisco, nascida como uma reflexão pessoal, das convicções pessoais do Papa e proponente de uma fraternidade universal, fraternidade não como sentimento, menos ainda como sentimentalismo, mas como prática que transforma a vida pessoal e coletiva. Proposta para um mundo dilacerado, chagado, dividido

pelos sentimentos destrutivos que nascem da discriminação, da exploração, da marginalização.

Como há 800 anos, a fraternidade é proposta como resposta, não para solucionar um problema, mas para indicar novo caminho e possibilidade de vida nova.

Aqui nos são partilhados textos de quatro autores, que se debruçaram sobre a *Fratelli tutti* e sua ligação com o franciscanismo, mais precisamente com o Santo de Assis. Alguns textos já publicados em italiano em outros meios, alguns textos inéditos, que dialogam entre si, mesmo tendo sido “escritos” em momentos e para momentos diferentes. Textos que nos convidam a meditar sobre a fecundidade pacificadora, regeneradora, dignificadora do carisma franciscano; que nos fazem perceber a profundidade, a amplitude, a largueza do Evangelho vivido na fraternidade, na simplicidade, na humildade e, sobretudo, na abertura ao outro sem desejar que ele se torne igual a mim.

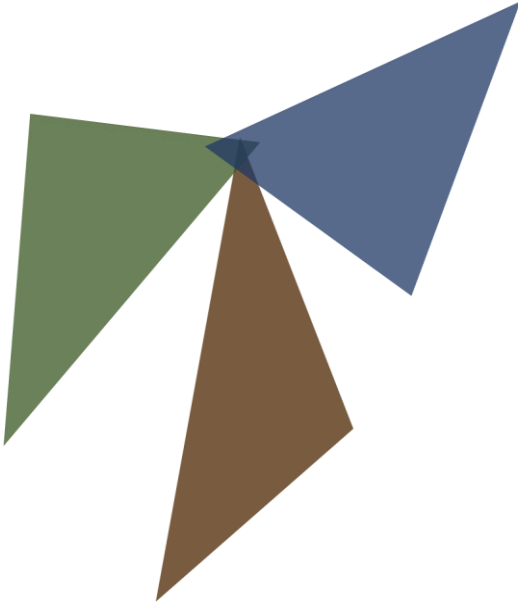
Frei João Carlos Karling, OFM, com carinho e dedicação, traduziu esses textos, deixando-os à nossa disposição, para nossa formação e crescimento na vida franciscana e eclesial. Com isso, criou uma obra inédita, no

sentido de organizar textos dispersos, reunindo-os para um estudo simples e profundo.

O leitor e a leitora poderão encontrar várias pistas de reflexão e aprofundamento e, quem sabe, estímulo para continuar a ampliar a compreensão e a vivência contemporânea do carisma iniciado pelo Espírito Santo, na Igreja, através de Francisco de Assis, assim como nos convida o Papa Francisco.

Gratidão aos autores! Gratidão ao tradutor! Gratidão a quem colaborou para que essa obra chegasse até nós!

*Frei Arno Frelich, OFM,
Porto Alegre, 02/08/2021.
Festa de Santa Maria dos Anjos da Porciúncula,
Perdão de Assis.*



FRANCISCO DE ASSIS NA ENCÍCLICA *FRATELLI TUTTI*

Frei Giuseppe Buffon, OFM¹

Valor e significado, uma escolha: Fratelli tutti

A escolha de propor uma expressão dos *Escritos* de Francisco de Assis como título da nova *Encíclica* “*sobre a fraternidade e a amizade social*” entra na perspectiva de um pontificado que aspira perseguir a mesma alternativa evangélica.

É uma escolha que certamente renova aquela operada, em 13 de março de 2013, pelo então Cardeal Jorge Mário Bergoglio, com a assunção do nome do Santo dos pobres, da paz e da criação, Francisco, na contramão da

¹ Frade Menor, professor ordinário de História da Igreja junto à Pontifícia Universidade Antonianum, de Roma; decano da Faculdade de Teologia e diretor do curso profissional em Ecologia integral, da mesma Universidade. Traduziu: Frei João Carlos Karling, OFM (jckarling@gmail.com). Revisou: Frei Plácido Robaert, OFM. Frei Cláudio André Lotermann, OFM, gratidão pela **intermediação** do texto, para a tradução e a publicação.

bimilenária tradição da história do pontificado: escolha focada em indicar uma clara visão eclesiológica e político-espiritual: “*Como desejo uma Igreja pobre para os pobres!*”².

É uma escolha que deseja reafirmar a centralidade do Concílio sonhado por João XXIII, o qual, propriamente em Assis, na vertente da “*Igreja dos pobres*”, já vislumbrava o modelo de Francisco, amante da criação e, por isso, tecelão de uma fraternidade com todos:

Pergunta-se: porque Deus tem dado a Assis este encanto da natureza, este esplendor da arte, este fascínio de santidade, que está como que suspenso no ar, e que os peregrinos e os visitantes percebem quase sensivelmente? A resposta é fácil. Para que os homens, por meio de uma comum e universal linguagem,

² “*Francisco de Assis. É para mim o homem da pobreza, o homem da paz, o homem que ama e custodia a criação; neste momento, também nós, não temos uma relação muito boa com a criação, não é mesmo? É o homem que nos dá este espírito de paz, o homem pobre ... Ah, como desejo uma Igreja pobre e para os pobres!*”. Papa Francisco, *Audiência aos representantes dos meios de comunicação*, 16 março de 2013, em http://www.vatican.va/content/francesco/it/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130316_rappresentanti-media.html. Consultado em 15/02/2021.

*aprendam a reconhecer o Criador e a reconhecer-se uns aos outros como irmãos*³.

É uma escolha que confirma a radicalidade de uma reforma da Igreja, já anunciada pelo programa de ‘aggiornamento’ conciliar, perseguido pelo padre Pedro Arrupe, o qual tinha atribuído justamente a Francisco o papel de paradigma da renovação eclesial⁴.

A escolha, pois, de promulgar a nova *Encíclica*, justamente em Assis, assinando-a no mesmo dia da comemoração da morte do Santo, reevoca o gesto profético de João Paulo II, que, em 1986, convoca as religiões para uma sincera oração em favor da paz, reunindo-as não em Roma, mas na pátria natal de Francisco: um encontro *extra moenia*, como a mostrar um primado petrino *inter pares*, já, pois, na proteção da fraternidade universal.

³ João XXIII, *Peregrinação apostólica a Loreto e a Assis. Discurso do Santo Padre aos fiéis reunidos junto à Basílica inferior de São Francisco de Assis*, 4 de outubro de 1962, em http://www.vatican.va/content/john-xxiii/it/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621004_san-francesco.html. Consultado em 15/02/2021.

⁴ Giovanni Miccoli, *Francesco. Il Santo di Assisi all’origine dei Movimenti Francescani*, Donzelli, Roma, 2013.

Ao modelo da visita de Francisco de Assis a Malilk-al-Kamil (1219), ícone escolhido desde o encontro de Abu Dhabi (2019), com a *Fratelli tutti*, Papa Francisco supera completamente a fraternidade-sororidade eclesial, inaugurada com a *Laudato si'*, graças à contribuição inspiradora do Patriarca de Constantinopla, Bartolomeu I:

agora senti-me especialmente estimulado pelo Grande Imã Ahmad Al-Tayyeb, com quem me encontrei, em Abu Dhabi, para lembrar que Deus “criou todos os seres humanos iguais nos direitos, nos deveres e na dignidade, e os chamou a conviver entre si como irmãos” (FT 5)⁵.

O canto da Fraternidade ao feminino

Também a escolha deste particular gênero de *Escritos* de Francisco de Assis, as *Admoestações*, para individuar os vocábulos adequados a fim de exprimir o coração pulsante da *Encíclica Fratelli tutti*, não se demonstra casual. Se, na verdade, a intenção era a de enfatizar a universalidade da dimensão fraterna, aquele

⁵ Para as citações e referências da Encíclica *Fratelli tutti* usamos o texto: Carta Encíclica *Fratelli tutti* do Santo Padre Francisco Sobre a Fraternidade e a Amizade Social (FT) © - Tipografia Vaticana, 2020. As referências à *Fratelli tutti* sempre serão inseridas no texto, e não citadas como nota de rodapé (observação do tradutor).

“*tutti*” faz da abertura à relação fraterna a conotação específica da própria natureza humana, a qualidade distintiva da pessoa: “*Fratelli tutti*” (Adm 6,1: FF 155.) *escrevia São Francisco de Assis, dirigindo-se a seus irmãos e irmãs*” (FT 1).

Então, não poderia existir escolha melhor do que a das exortações especiais, que o próprio Francisco usa para exprimir o cuidado para com “*todos os frades*”⁶. As *Admoestações*, na verdade, são mais do que os outros *opúsculos* de Francisco, são a *carta magna* da vida de fraternidade, com a qual o Santo esboçava o ideal do homem cristão. Assim procedendo, desejava fazer um apelo à comunidade humana, isto é, convidar todos a reconhecer o Sumo Bem e a sustentar “*o próximo em sua fraqueza*”, amando o irmão, especialmente se doente, e mostrando “*amor com os fatos*” àqueles que, costumeiramente, são chamados “*inimigos*”⁷.

⁶ As admoestações são exortações que Francisco, segundo o códice 308 da Biblioteca Municipal de Assis, teria dirigido “*a todos os frades*”, provavelmente, durante as assembleias capitulares.

⁷ Carlo Paolazzi, *Lettura degli “Scritti” di Francesco d’Assisi*, EBF Milano, 2002, 173-174.

As *Admoestações*, precisamente para Francisco, são a oportunidade para retomar seus outros escritos, filtrando-os à luz do trabalho interior, resultado da dinâmica comunitária: os possíveis comprometimentos, as derrotas e, sobretudo, as grandes metas da autêntica relação fraterna, “*forma de vida com sabor a Evangelho*” (FT 1).

Insistindo sobre o aspecto da universalidade do amor fraterno, uma totalidade que “*permite reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas independentemente da sua proximidade física, do ponto da terra onde cada uma nasceu ou habita*” (FT 1), a *Encíclica* cita explicitamente a *Admoestação* vigésima quinta: “*feliz quem ama o outro, ‘o seu irmão, tanto quando está longe, como quando está junto de si’*” (FT 1)⁸.

O perigo da distância, que enfraquece o cuidado e desafia a Fraternidade, vem associado, na mesma

⁸ Cf. *Admoestação XXV*: FF 175. **Nota do tradutor e editor**: Para os textos de Frei Francisco, onde possível, usamos *Fontes Franciscanas e Clarianas*, Org. Frei Celso Márcio Teixeira, OFM, Editora Vozes – FFB, Petrópolis, 2004. Incluiremos sempre a referência FF, que remete ao texto italiano *Fonti Francescane*, Terza edizione, rivista e aggiornata, a cura di Ernesto Caroli, Editrice Francescane, Padova, 2011.

Admoestação, com aquele da doença, que induz ao risco da marginalização, precisamente porque o enfermo se encontra na impotência para recompensar o irmão que o assiste⁹. O amor fraterno, colocado à prova tanto pelas “*barreiras da geografia e do espaço*” (FT 1) quanto pela fragilidade do corpo ferido, necessita da atenção do samaritano, atitude que Francisco, na *Regra*, prefere identificar com o cuidado materno: “*cada qual ame e nutra seu irmão, como a mãe ama e nutre seu filho*”¹⁰.

O feminino materno é a cifra do cuidado fraterno, como reiterado também no *Cântico do Irmão Sol*¹¹, com relação à Mãe Terra, e na *Regra dos eremitérios*¹², em referência aos irmãos que, por revezamento, devem preparar a comida para aqueles que se dedicam à oração. Nas biografias, por sua vez, são os próprios frades que

⁹ Na realidade, a edição crítica latina separa a admoestação XXV, sobre a distância do irmão, da XXIV, sobre o irmão doente, mesmo dando às duas o mesmo título: “*De vera dilectione*”. Nas traduções em língua corrente, ao invés, a admoestação XXV é composta pelas duas exortações.

¹⁰ *Regra não Bulada* IX,11: FF 32.

¹¹ *Cântico do Irmão Sol* 1-14: FF 263.

¹² *Regra para os Eremitérios* 1-10: FF 136-138.

consideram Francisco como mãe; a mãe, assim, torna-se símbolo estratégico no encontro de Francisco com o Papa.

O franciscanismo opera, dessa forma, uma revisão da espiritualidade monástica, pela qual Cristo é comparado à mãe, enquanto que a paternidade, representada pelo abade, é reservada a Deus¹³. Francisco desafia também a uma reversão cultural e política, do momento em que refuta explicitamente o uso do termo pai, rejeitando a própria concepção da potestade, inerente ao conceito de *pater familias*, cunhado pelo direito romano¹⁴.

A autocelebração perverte a Fraternidade

A escolha de extrair, precisamente, da sexta *Admoestação* o título da *Encíclica* sobre a fraternidade e a amizade social, *Fratelli tutti*, demonstra-se ainda mais oportuna se considerada à luz dos conteúdos oferecidos pela mesma *Admoestação*. Francisco, na verdade, pronuncia aquele *fratelli tutti* como introdução à sua

¹³ Pierre Brunette, *Le ammonizioni di san Francesco. Parole che aiutano a Vivere*, EBF, Milano 2016, 132.

¹⁴ Carlo Paolazzi, Gli “Scritti” tra Francesco e i suoi scrivani: un nodo da sciogliere, em *Antoniano* 75 (2000), 17-28: 10-12.

exortação contra o perigo da autocelebração, que engessa a comunidade fraterna, transformando-a, como diria Papa Francisco, num “*clube de sócios*”. O Santo entende, pois, rejeitar a exaltação de uma santidade que, elevada ao estandarte identitário, perverte a própria fraternidade, mortificando sua vocação à universalidade, necessariamente inclusiva.

Texto muito conhecido, citado até por um dominicano, professor em Paris¹⁵, a *Admoestação VI* coloca em jogo o conceito da perfeição cristã e o próprio significado do martírio, ápice do “*heroísmo evangélico*”. É precisamente sua data, fixada em torno de 1220, isto é, no dia posterior à morte dos frades em Marrakech, os assim chamados protomártires, que induz os especialistas a considerá-la como reação pessoal de Francisco quanto àqueles acontecimentos: a euforia celebrativa, que teria permeado a Fraternidade minorítica, ao difundir-se a notícia de Marrakech, o teria forçado a redefinir o estilo de evangelização e, em definitiva, o próprio ideal cristão. O

¹⁵ Maie-Madenfine Davy, *Les sermons universitaires parisiens de 1230-1231: contribution à l'histoire de la prédication médiévale*, Paris 1931, 346.

verdadeiro martírio, declarará Francisco no seu *Testamento*, é viver o Evangelho da paz, que não conhece a categoria do inimigo, mas somente a do irmão¹⁶.

O tema da aspiração de Francisco à perfeição do martírio diz respeito, na verdade, mais aos hagiógrafos do que ao próprio Santo. Que ele parta para o Oriente sarraceno com a convicção de que seria traspassado, a ponto de não mais poder retornar, isto é, que poderia confrontar-se com a irmã morte, não somente por causa do embate com os Sarracenos, parece uma conquista, enfim, consolidada¹⁷.

Muito menos óbvia demonstra-se, ao invés, a eventualidade de que ele tivesse alimentado a ideia de uma morte violenta, para ser solenizada como martírio, para oferecer à própria Ordem a oportunidade de vangloriar-se

¹⁶ *Testamento* 23: FF 121.

¹⁷ *Chronica fratris Iordani a Iano*, § 15, em *Die Chronica des Bruders Jordan von Giano Einführung und kritische Edition nach den bisher bekannten Handschriften*, aos cuidados de Johannes Schlageter, em *Archivum Franciscanum Historicum*, 104/1-2 (2011), 3-63: 39, na tradução italiana Giordano da Giano, *Cronaca*, § 15 (Traduções e notas de Aristide Cabassi e Feliciano Olgiati), em *Fonti Francescane, terza edizione rivista e aggiornata*, EFR - Editrici Francescane, Padova 2011, 2338.

de um fundador, não somente santo, mas, testemunha da mesma fé dos apóstolos. No seu *Testamento*, na verdade, Francisco não acena jamais ao martírio como ideal de perfeição, limitando-se, ao invés, a falar das perseguições, já previstas pelo Evangelho, e, por isso, a serem aceitas na fé, privando-se de pedir à Cúria pontifícia cartas de proteção, porque isso iria contradizer o ideal minorítico a ser vivido como peregrinos e forasteiros¹⁸.

Um convite análogo, proposto por ele na segunda *Regra*, a não solicitar à Sede Apostólica garantias para as incolumidades da vida, manifesta, certamente, a consciência da possibilidade de um epílogo cruento¹⁹; a exortação, apresentada, sempre no mesmo *Testamento*, de fugir para outros territórios²⁰ confirma, no entanto, também sua convicção, de que seria necessário evitar expor-se ao perigo de um final fatal.

¹⁸ *Testamento* 24-26: FF 122-123.

¹⁹ *Regra Bulada* XII: FF 107-109a; sobre a disponibilidade de aceitar o contexto persecutório, até ao ponto de perder a própria vida, pode-se, também, ver numerosas passagens da *Regra não Bulada* (XIV: FF 40; XVI: FF 42-45; XXII: FF 56ss).

²⁰ *Testamento* 26: FF 123.

Devido à natureza da excepcionalidade dessas suas convicções, Francisco gradualmente encontra-se em dissonância com a mentalidade do seu tempo, que celebra a dedicação da catedral de Assis a São Rufino, Bispo e mártir do III século. Ele demonstra tomar as distâncias também da cultura do martírio, típica da primeira Fraternidade franciscana, fascinada pela *chanson de geste*, que decanta as expedições cavaleirescas contra os Muçulmanos²¹.

O sacrifício dos cavaleiros, como, por exemplo, aquele dos mártires de Córdoba do IX século²², inspira, na verdade, também a primeira evangelização minorítica. Inclusive Bernardo de Claraval tinha-se alinhado em favor de tal militância oblativa: no *Elogio da nova cavalaria* exalta, de fato, os paladinos que morrem em batalha, considerando o sacrifício deles um verdadeiro martírio²³.

²¹ *Compilação de Assis* 103,23-26: FF 1649.

²² Alan Culter, *The Ninth-Century Spanish Martyrs Movement and the Origins of Western Christian Missions to the Muslims*, em *The Muslim word* 55 (1965), 321-339: 321.

²³ Isabelle Heullant-Donat, *Les franciscains et le martyre au XIIIe siècle*, in *Dai protomartiri francescani a S. Antonio da Padova. Atti della giornata internazionale di studi, Terni, 11 giugno 2010*, aos

“Sujeitos a toda humana criatura”

A escolha da *Fratelli tutti*, em responder à questão sobre a identidade autorreferencial e exclusiva, com a citação do capítulo XVI da primeira *Regra*²⁴: “*pedia aos seus discípulos: sem negar a própria identidade, quando estiverdes “entre sarracenos e outros infiéis [...], não façais litígios nem contendias, mas sede submissos a toda criatura humana por amor de Deus”*” (FT 3) demonstra-se extremamente oportuna, pelo único fato que, precisamente, nessa passagem da *Regra* individua-se a resposta institucional, dada pelo próprio Francisco às interpretações desviantes do episódio de Marrakech.

A audácia de propor a evangelização dos “*Sarracenos*” deve ser atribuída, indubitavelmente, à originalidade da iniciativa franciscana que, pela primeira vez, insere uma tal possibilidade num texto normativo, reservado a uma comunidade religiosa.

O ir entre os “*Sarracenos e outros infiéis*”, na verdade, vem apresentado pela *Regra* minorítica como uma

cuidados de Luciano Bertazzo e Giuseppe Cassio, Centro Studi Antoniani, Padova 2011, 11-29: 19-20.

²⁴ *Regra não Bulada* XVI 3.6: FF 42-43.

vocação extrema, uma vocação na vocação, distinta da habitual presença evangélica dos frades no mundo. Também do ponto de vista formal, o supracitado capítulo dezesseis, enquadrado por um conjunto de normas sobre a ordinaryidade apostólica, destaca-se pela excepcionalidade prescritiva das disposições sobre a evangelização além dos confins do cristianismo.

Nesse mesmo capítulo, as mesmas citações evangélicas, que falam, por exemplo, de ovelhas entre lobos, não fazem mistério da eventualidade persecutória, que poderia colocar a vida em risco, fazendo, pois, supor a possibilidade de uma alusão ao próprio martírio. Deve-se notar, contudo, que o uso do termo martírio, exatamente neste texto, demonstra-se como proscrito, quase como se quisesse decretar uma espécie de censura, contra o risco de uma eventual, leviana, auto exaltação.

Neste contexto “*sarraceno*”, marcado por uma forte conflitualidade, os frades, de fato, são convidados a permanecer, evitando o menor pretexto ao surgimento de litígios ou disputas, sem se tornar ocasião de reações violentas, causa possível de um êxito martirial. Não, pois,

o sucesso de ser martirizado, que vem rigorosamente calado, mas o desejo de uma submissão pacífica, que demonstra o verdadeiro objetivo da normativa.

Também o décimo segundo capítulo da segunda *Regra*, paralelo ao décimo sexto da primeira, insiste mais ainda, do que sobre a própria pregação, sobre a atitude de resistir pacificamente em contextos de convivência difícil e mesmo violenta.

A transmitir, de modo absolutamente inequívoco, a negação de Francisco para um martírio autocelebrativo é Giordano de Giano:

Quando foram referidos ao bem-aventurado Francisco o martírio, a vida e a legenda dos preditos frades, ouvindo que nessa se faziam os louvores dele e vendo que os frades se gloriavam do martírio deles, porque ele era o maior desprezador de si mesmo e desdenhava o louvor e a glória dos homens, refutou tal legenda e proibiu a leitura, dizendo: 'Cada um se glorie do próprio martírio e não daquele dos outros'²⁵.

Um outro dos mais óbvios sinais da gradual desconfiança com relação à exaltação do martírio parece ser

²⁵ *Chronica fratris Iordani a Iano*, § 8, em *Die Chronica des Bruders Jordan von Giano*, 36; tradução italiana Giordano de Giano, *Cronaca*, § 8, 2330.

a *Legenda sanctae Clarae virginis*²⁶, solicitada por Alessandro IV para a canonização (1255) da santa e atribuída a Tomás de Celano. Ela, na verdade, demonstra de ignorar totalmente aquele desejo de martírio, ao qual, por outro lado, fazem aceno ao menos duas das testemunhas do processo de canonização da mesma santa, associando-o precisamente à notícia do massacre de Marrakech²⁷.

Outra testemunha na discussão sobre o martírio, no seio da Ordem minorítica, é Egídio de Assis, falecido em 1262, quando Giordano de Giano redige sua *Crônica*. No XXVº capítulo dos seus *dicta*, ele se debruça, na verdade, sobre os mártires de Marrakech, censurando os prelados da Ordem por não terem sabido sustentar sua causa de canonização²⁸. E retomando, seja Giordano de Giano, seja a *Admoestação* VI, afirma que não se tratava de gloriar-se dos seus gestos, mas de contemplar o que por Deus fora operado, visando colher inspirações para continuar no

²⁶ *Legenda de Santa Clara* §29: FF 3247.

²⁷ Zefirino Lazzeri, *Il processo di canonizzazione di S. Chiara d'Assisi*, em *Archivum Franciscanum Historicum*, 13 (1920), 401-507: 465.468-469.

²⁸ *Dicta beati Aegidii Assisiensis editado ao PP. Collegii S. Bonaventurae*, Quaracchi, 1905, 75.

estado de penitência. Egídio não se expressa tanto sobre as iniciativas destinadas ao martírio dos frades de Marrakech quanto sobre o uso que vinha sendo feito da narração dos seus gestos. Seu objetivo, na verdade, consiste em trazer à luz o pobre seguimento, suscitado pelo episódio, em termos de práxis evangelizadora minorítica.

O dado histórico confirma, pois, a interpretação que a *Fratelli tutti* faz do capítulo décimo sexto da Regra menor, de que o viver evangelicamente submissos a toda humana criatura, no desejo de realizar verdadeira amizade social, deve já considerar-se evangelização:

É impressionante que, há oitocentos anos, Francisco recomende evitar toda a forma de agressão ou contenda e também viver uma “submissão” humilde e fraterna, mesmo com quem não partilhasse a sua fé (FT 3).

A hospitalidade do “magnânimo Sultão”

A escolha da *Fratelli tutti* de citar o capítulo dezesseis da primeira Regra, depois de ter mencionado a visita de Francisco a Malik-al-Kamil, parece acolher o desejo de quantos estão empenhados no diálogo islâmico-cristão, ou seja, que Francisco tenha redigido esta normativa logo depois de retornar do Oriente. Não somente,

mas que ele o tenha concebido na escola daquela excepcional experiência de hospitalidade, na qual, indo contra a melhor tradição da Igreja apostólica, não se produzira nenhuma conversão e, sobretudo, não se verificara nenhum derramamento de sangue em oblação. Os especialistas das fontes exprimem, a respeito, a maior cautela, enquanto, ao invés, declaram-se totalmente favoráveis a crer que a visita ao Sultão, no campo de Damietta, constitua, para os biógrafos, um divisor de águas, não somente para a vida de Francisco, mas também para toda a história da espiritualidade ocidental, inclusa naturalmente a da evangelização.

Damietta é, seguramente, um divisor de águas para Tomás de Celano, o primeiro biógrafo de Francisco, que articula sua impostação narrativa evidenciando a pausa entre a vida do Santo, antes e depois da visita ao Sultão: da busca da unidade, sob a guia segura do líder carismático, à aceitação de opiniões contrapostas, até, inclusive, o conflito; do desejo de perfeição, ao modelo da Igreja apostólica, inclusive o martírio, à acolhida quotidiana do plano de Deus, que se opõe a seu desejo, oferecendo-lhe,

em troca, o martírio da fraternidade; da *missio ad gentes*, inerente no envio dos primeiros frades *em todo mundo*, à prática de uma hospitalidade, sujeita a toda humana criatura; da aspiração em dirigir-se em visita aos Lugares santos de Jerusalém e de Belém, ao compartilhamento da encarnação com os agricultores de *Greccio*, vila da extrema periferia romana.

Para Boaventura de Bagnoregio, o biógrafo de Francisco mais vezes citado pela própria *Laudato si'*, Damietta torna-se oportunidade para substituir a disputa com o fogo do amor: chama que expande o eu, até fundir-se com o outro, como sublinhado, com insistência, também pela *Fratelli tutti*:

Não fazia guerra dialética impondo doutrinas, mas comunicava o amor de Deus; compreendera que “Deus é amor, e quem permanece no amor, permanece em Deus” (1Jo 4,16) (FT 4).

Em Damietta, na verdade, o Francisco do “*doutor seráfico*” inaugura um outro martírio, uma oblação que não prevê a morte do corpo, intolerável para uma experiência de hospitalidade que, com a *Regra*, torna-se novo estilo de evangelização. Na hospitalidade de Damietta, simbolizada pela luz e pelo calor do fogo, que abre ao conhecimento e

dilata o coração, Boaventura descobre a inutilidade do lúcido silogismo, típico da disputa parisiense, da qual ele próprio tinha sido, antes, aluno entusiasta e, depois, mestre desapontado. Em Damietta, o Santo aparece-lhe, ao invés, inflamado pelo desejo do encontro com o outro, o Sultão, que o transforma em hóspede, preparando-o à hospitalidade de Deus, esposo, que em La Verna, consumando a união com ele, torna-se o seu tu:

*Tu és amor, caridade; tu és sabedoria, tu és humildade, tu és paciência, tu és beleza, tu és mansidão, tu és segurança, tu és quietude(!), tu és **gaudium**, tu es spes nostra...*²⁹.

A Fraternidade cósmica

O apelo da *Fratelli tutti* a Francisco de Assis, que já inspirara a *Laudato si*, garante um nexos inseparável entre a *Encíclica sobre o cuidado da casa comum* e aquela *sobre a fraternidade e a amizade social*, como se tratasse de duas faces da única moeda:

Com efeito, São Francisco, que se sentia irmão do sol, do mar e do vento, sentia-se ainda mais unido aos que eram da sua própria carne. Semeou paz por toda a parte

²⁹ *Louvres aos Deus altíssimo* 4-5: FF 261.

e andou junto dos pobres, abandonados, doentes, descartados, dos últimos (FT 2).

A entrelaçar, em Francisco, a dimensão social com a ambiental, na realidade, já fora do encargo de Tomás de Celano. Este, na verdade, à hospitalidade de Damietta, faz seguir o episódio da pregação aos pássaros, que escutam Francisco, representando a grande família das criaturas. O biógrafo evidencia, assim, um tipo de contraponto entre a harmonia da fraternidade cósmica, exaltada no *Cântico do irmão sol*, e a divisão que, por sua vez, ainda dilacera a fraternidade humana: cristãos contra muçulmanos, irmãos em desacordo uns com os outros, também no seio da própria família minorítica. Precisamente no *Cântico*, Francisco descobre a hospitalidade da família das criaturas que somente possuem a capacidade de restituir o louvor ao Sumo Bem. O ser humano, ao invés, se descobre indigno mesmo de mencioná-lo. Somente tomado pela mão pelo coro de criaturas, ele chega verdadeiramente a encontrar a via da reconciliação com o outro, redescoberto como irmão na gratuidade do perdão, e com a própria mortalidade, chegando finalmente a reconhecer irmã também a inimiga extrema.

E se o coro dos pássaros acolhe Francisco no retorno do Oriente é, exatamente, no campo aberto entre colinas entrecortadas por bosques e paredes rochosas, e assistido pelos trabalhadores da terra, que ele deseja celebrar a festa da humanidade redimida, o Deus que se faz homem. É ainda Tomás de Celano, na verdade, que para terminar o primeiro opúsculo da *Vita beati Francisci*, introduzido pelo projeto da visita ao Sultão, redige o da passagem do presépio de *Greccio*: o boi e o burro, representantes dos hebreus e muçulmanos, que juntos hospedam a carne do Deus menino, no pano de fundo de toda a criação, representada pelo feno, colocado na manjedoura³⁰.

Em *Greccio*, na verdade, é o corpo, em primeiro plano, que se torna língua, na pregação dos gestos³¹, com um Francisco que exprime ao máximo sua linguagem, fazendo apelo ao balido de uma ovelha: pregação do sentimento e das coisas, ressonante no templo do céu, com a mesma floresta que se ilumina como de dia, para honrar a palavra hóspede da carne.

³⁰ *I Celano* 85,1-10: FF 469.

³¹ “*De toto corpore fecerat linguam*”. Tomás de Celano, *Biografias/Primeira de Celano* 97: FF 488.

Para Boaventura de Bagnoregio, ao invés, Francisco prega aos pássaros antes de dirigir-se em visita ao Sultão do Egito. Para ele, na verdade, a fraternidade das criaturas torna-se viático para a fraternidade humana: a latitude cósmica habilita para a latitude social. No itinerário ascensional da hospitalidade, que culmina no abraço de Deus, Boaventura coloca, como primeira etapa, a da expropriação, obtida mediante a escolha da pobreza, depois a do afeto para as criaturas e, enfim, a do encontro com Malik-al-Kamil, espelho para a última: o abraço de Deus. É possível reconhecer uma análoga progressão também na *Fratelli tutti*, contanto que, porém, não se perca a referência à *Laudato si'*, presente como em filigrana:

[...] sua visita ao Sultão Malik-al-Kamil, no Egito. A mesma exigiu dele um grande esforço, devido à sua pobreza, aos poucos recursos que possuía, à distância e às diferenças de língua, cultura e religião. Aquela viagem, num momento histórico marcado pelas Cruzadas, demonstrava ainda mais a grandeza do amor que queria viver, desejoso de abraçar a todos. A fidelidade ao seu Senhor era proporcional ao amor que nutria pelos irmãos e irmãs (FT 3).

Francisco do Concílio Vaticano II

Na *Fratelli tutti*, a escolha de citar Eloi Leclerc, de *Exile et tendresse*³², que na viagem de Buchenwald a Dachau entoa o *Cântico* da fraternidade cósmica, atesta a opção pelo Francisco da espiritualidade mais do que por aquele da erudição; o Francisco da contemporaneidade mais que aquele da crítica filológica; o Francisco profeta, do Concílio Vaticano II, mais do que aquele da minuciosa análise histórica. É, de fato, somente no fervor da renovação conciliar que se redescobre o valor do encontro entre Francisco e Malik-al-Kamil, ignorado por longuíssimos séculos. E é Leclerc, entre os primeiros, que ousa qualificar o interlocutor de Francisco como “irmão” sultão. Estamos bem distantes da perspectiva oleográfica do “lobo domesticado”. Destaca, em vez, a lógica evangélica do: “vós sois todos irmãos (Mt 23,8)”, como o próprio Leclerc o evidencia, falando, naturalmente, sempre de Francisco: “*Il était sorti de la Chrétienté temporelle*

³² Editions Franciscains, Parigi 1959. [“*Exílio e Ternura*”, nota do tradutor].

pour servir ses frères”³³. Para o autor de *Exile et tendresse*, concebido durante o primeiro início da reforma conciliar, é a mesma Igreja que com Francisco é conduzida para “*hors des frontières de la Chrétienté*”, para tomar o caminho em direção à latitude evangélica do encontro com cada irmão da humanidade comum³⁴.

Interpelado pela *Fratelli tutti*, para dar voz à fecundidade de Francisco, pai do “*sonho de uma sociedade fraterna*”, Leclerc recolhe o legado de um franciscanismo situado além dos próprios confins institucionais. Ele se inspira, seguramente, em Keith Chesterton (1874-1936), que na sua biografia de Francisco (1930) fala de Damietta

³³ Leclerc, *Exile et tendress*, 181. [“*Ele tinha saído do cristianismo temporal para servir seus irmãos*”, nota do tradutor].

³⁴ Leclerc, *Exile et tendress*, 7. [“*além das fronteiras do cristianismo*”, nota do tradutor]. Sobre a fraternidade universal, o mesmo, narrando um diálogo de Francisco com um menestrel, encontrado sobre a nave que o levava ao Oriente, assim se exprime. «*Comprends-tu que c’est le même Esprit de liberté et de piété qui aujourd’hui me pousse vers ces frères qui sont ancor pour nous sans nom, sans visage, comme s’ils n’existaient pas. Une même piété profonde nous relie à Dieu et aux hommes, à la Terre et au Royaume!*» Ibid., 133. [“*Compreendes tu que é o mesmo Espírito de liberdade e piedade que hoje me empurra para esses irmãos que são ainda para nós sem nome, sem rosto, como se eles não existissem. A mesma piedade profunda nos conecta a Deus e aos homens, à Terra e ao Reino!*”. Nota do tradutor].

como de uma das grandes ocasiões perdidas pela história: se se tivesse dado ouvidos a Francisco, as relações entre muçulmanos e cristãos teriam sido diferentes³⁵. Ele se faz aluno, sobretudo, de Louis Massignon (1883-1962), que, em 9 de fevereiro de 1934, em Damietta, oferece a própria vida pelo diálogo islâmico-cristão, tomando como modelo o próprio Francisco, inflamado pelo amor fraterno. E não é secundário que o agnóstico Massignon descubra o hóspede de Malik-al-Kamil precisamente por meio do estudo de um místico súfi, Mansūr b. Maḥammā al-Bayḍāwī al-Ḥallāj, outro profeta de uma fraternidade aberta, testemunhada ao ponto de deixar-se consumir pela chama de uma oblação crística³⁶. A amizade do pioneiro do diálogo islâmico-cristão com Paulo VI encontrará, pois, ressonância na reflexão conciliar, que predispõe a elaboração do decreto *Nostra aetate*.

Leclerc também é voz de um franciscanismo inconsciente, que vive o capítulo dezesseis da primeira

³⁵ Gilbert Keith Chesterton, *St. Francis of Assisi*, Londra 1960, 153.

³⁶ Louis Massignon, *La Passion de Husayn ibn Mansūr Hallāj. Martyr mystique de l'Islam exécuté à Bagdad le 26 mars, 922* (Étude d'histoire religieuse), Gallmiard, Paris 1975.

Regra muito antes que ele se torne o endosso mais autorizado da tradição do encontro de Assis, em 1986. Muito antes que a Ordem franciscana redescobrisse a figura de Francisco, elevada nesse entremeio a patrimônio do mundo protestante e admirado por numerosos não crentes, Charles de Foucauld (1858-1916) propõe-se a viver a evangelização como hospitalidade:

*uma caridade fraterna e universal que compartilha tudo, até o último pedaço de pão, com cada pobre, cada hóspede, cada desconhecido, acolhendo cada homem como irmão predileto*³⁷.

Um seguidor do eremita de Tamanrasset, Albert Peyriguère (1883-1959), aprofundará a perspectiva do mestre, falando do testemunho da vida como de verdadeira evangelização. Somente Charles-André Poissonnier (1897-1938) e o seu discípulo, Abel Fauc (1901-1982) tentarão reportar no veio minorítico o espírito de Damietta, mas continuando a ignorar os escritos de Francisco, ainda acantonados por uma Ordem e um catolicismo sob o assédio do fantasma modernista. Também Jean-

³⁷ Lettre al conte De Castries, giugno 1901, citada por Ambroise de Boissieu, *Le Père de Foucauld*, Paris, 1945, 185.

-Mohammed Abd-el-Jalil (1904-1979), franciscano, convertido do Islão ao cristianismo, não capta a importância do Francisco de Damietta por essa paixão para as relações islâmico-cristãs, a qual dedica toda sua vida³⁸.

Como, porém, ensina o sobrevivente de Dachau, na esteira do próprio Concílio, é, muitas vezes, o Francisco dos outros a guiar-nos na descoberta de nós mesmos, como, por outro lado, é, muitas vezes, o cristianismo dos outros a permitir-nos de individuar a alma da Igreja, como sinal e instrumento de uma fraternidade aberta, hospitaleira. Como declara, na verdade, o Papa que leva o nome do santo amado por todos, foi justamente o irmão Imam Ahmad Al-Tayyeb a inspirar a encíclica sobre a fraternidade e a amizade social.

³⁸ Jean Gwénolé Jeusset, *Dio è cortesia. Francesco d'Assisi, il suo Ordine e l'Islam*, Messaggero, Padova, 1988, 124-135.

QUEM ENCONTRA FRANCISCO ENCONTRA A FRATERNIDADE³⁹

Frei Enzo Fortunato, OFMConv⁴⁰

Parto de uma imagem. Estávamos habituados às fotos do rito, no qual o Papa assinava a Encíclica sobre uma mesa de madeira, tendo ao lado o cerimonial da Santa Sé. Desta vez encontramos-nos com o Papa que olha para São Francisco e assina sua terceira Encíclica sobre uma “*mesa*” de rocha, fazendo Assis tornar-se “*altar e cátedra de paz*”, como a definiu João Paulo II.

Uma notícia que estava no ar, mas surgiu inesperada à nossa comunidade, enchendo-a de alegria.

³⁹ Fortunato, Enzo, *Introduzione*. In: Papa Francesco, *Fratelli tutti. Enciclica sulla fraternità e l'amicizia sociale*. Prefazione di fra Enzo Fortunato; Postfazione di fra Pietro Maranesi. Copyright Editrice Velar 2020 - Via Torquato Tasso 10 - 24020 Gorle (BG), pp. 9-19. Tradução de Frei João Carlos Karling, OFM (jckarling@gmail.com); revisão de Frei Plácido Robaert, OFM.

⁴⁰ Frade Menor Conventual; Diretor da Sala de Imprensa da Basílica de São Francisco – Assis.

Uma comunicação da Prefeitura pontifícia anuncia-nos que, no dia 3 de outubro, Papa Francisco chegaria a Assis para assinar a última Encíclica sobre a tumba do Santo, precedida pela celebração eucarística.

Imediatamente a máquina organizativa se coloca em ação; mesmo que se tratasse de uma visita estritamente privada. A Sala de Imprensa da Santa Sé informa-nos que o evento será transmitido para o mundo.

As notícias que chegam do Vaticano dizem respeito à vontade do Pontífice de dar a esse momento uma profunda intensidade espiritual, para ir ao coração do Evangelho e, permito-me acrescentar, àquela intersecção de olhar entre o Papa argentino e o Santo de Assis.

Juntamente com a organização move-se, inevitavelmente, a imprensa: o ‘*tam tam*’ midiático salta de um lugar do mundo para outro, da Ásia e dos Estados Unidos, da Europa e da África. Todos pedem para participar e narrar este gesto novo, forte e concreto do sucessor de Pedro.

Desde o dia do anúncio, nossa comunidade franciscana acompanha, junto ao túmulo de São Francisco,

com súplica orante, este caminho e os frutos que a Igreja espera que brotem à luz desta Encíclica, bússola para o mar em tempestade do pós-Covid, entre o rearranjo político, econômico, social e eclesial.

Mas retornemos ao início. Lembro como se a conferência para a imprensa de Jorge Maria Bergoglio, pontífice apenas eleito, tivesse sido ontem. Ele explicitou, diante de mais de seis mil jornalistas, o motivo que o levara ao nome de Francisco. Ele explicou o caminho e partiu da saudação feita pelo Cardeal Cláudio Hummes⁴¹:

Ele me abraçou, beijou-me e disse: “Não te esqueça dos pobres!”. E aquela palavra entrou aqui: os pobres, os pobres. Depois, imediatamente, em relação aos pobres, pensei em Francisco de Assis. Depois, pensei nas guerras, enquanto que o escrutínio prosseguia, até a conclusão dos votos. Francisco é o homem da paz. E assim, brotou o nome em meu coração: Francisco de Assis.

Com essas palavras, que ainda hoje nos emocionam, Bergoglio está em condições de resumir, com simplicidade e eficácia, a essência mais verdadeira do Santo de Assis –

⁴¹ Cf. <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/518498-querou-uma-igreja-pobre-para-os-pobres>, acesso 15/05/2021. Referência introduzida pelo tradutor/Editor.

“o homem da pobreza, o homem da paz, o homem que ama e custodia a criação” – e, ao mesmo tempo, lançou as bases do seu pontificado. Até a exclamação que passou à história: *“Ah, como quero uma Igreja pobre e para os pobres!”*.

O marco histórico para compreender o pontificado do Papa Bergoglio

Aquilo que aconteceu em Assis, no dia 03 de outubro, às 15 horas, no túmulo de Francisco, depois da celebração eucarística presidida pelo Papa, nos dá a possibilidade de compreender a arquitetura intelectual do pontificado. Paz, respeito pela criação, fraternidade que se torna solidariedade para com os pobres, para que ninguém fique para trás, para ninguém permanecer só. Com esta terceira Encíclica, o homem de Buenos Aires, afirma o próprio pontificado e, de fato, o completa por meio desta última coluna, o andaime de uma Igreja renovada.

Com a *Lumen fidei*, a primeira Encíclica que leva sua assinatura, o Papa respondia às exigências para que a fé fosse uma fonte de paz. Porque o nome da fé em Deus é paz:

Devido precisamente à sua ligação com o amor (cf. Gl 5,6), a luz da fé coloca-se ao serviço concreto da justiça, do direito e da paz. A fé nasce do encontro com o amor gerador de Deus que mostra o sentido e a bondade da nossa vida; esta é iluminada na medida em que entra no dinamismo aberto por este amor, isto é, enquanto se torna caminho e exercício para a plenitude do amor. A luz da fé é capaz de valorizar a riqueza das relações humanas, a sua capacidade de perdurarem, serem fiáveis, enriquecerem a vida comum. A fé não afasta do mundo, nem é alheia ao esforço concreto dos nossos contemporâneos. Sem um amor fiável, nada poderia manter verdadeiramente unidos os homens (LF 51).

Na segunda Encíclica, *Laudato si'*, Bergoglio fixou o segundo motivo da escolha do próprio nome, dizendo-nos que Francisco é

um modelo belo e motivador [...]. ...um místico e um peregrino que vivia com simplicidade e numa maravilhosa harmonia com Deus, com os outros, com a natureza e consigo mesmo. Nele se nota até que ponto são inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o empenhamento na sociedade e a paz interior (LS 10).

Uma crítica clara ao sistema do capitalismo envenenado e a proposta de um novo modelo econômico fundado sobre o conceito da ecologia integral. Na *Laudato si'* está, na verdade, presente uma orientação, um lema, que

é um corajoso ato espiritual, mas também e, sobretudo, político: “*Nada deste mundo nos é indiferente*” (LS 3).

Com a terceira Encíclica, Papa Francisco completa o tríptico: eis o homem da solidariedade. Um texto franciscano ‘*tout court*’: *Fratelli tutti*. A referência é à sexta Admoestação dos Escritos de São Francisco: “*Irmãos todos, prestemos atenção ao Bom Pastor que, para salvar suas ovelhas, suportou a paixão da cruz*”⁴².

Bergoglio, com o documento assinado na casa que preserva os restos do Santo, indica-nos a fraternidade, através do caminho da *imitação do Senhor*, da *bondade* e da *compaixão*. Três especiarias que nos ajudam a dar densidade existencial, franciscana e social à tinta derramada no altar, para essa pequena e robusta assinatura.

***A densidade da palavra “fratello”,
seja ao masculino quanto ao feminino***

Procuremos, por um momento, deter-nos sobre aquele que é o *fio condutor* e a nova percepção que a Encíclica quer dar aos homens e às mulheres de boa

⁴² Admoestação VI,1: FF 155.

vontade: a palavra “*fratello*”. Um termo que deriva do latim *frater*. Mas não somente: encontramos traços também no sânscrito, *bhrathar*, cuja raiz é *bhar* e significa “*sustentar, nutrir*”. Uma bela sugestão que nos diz como “*fratello*” é alguém a quem estamos ligados não somente por relações familiares de sangue, mas também por uma relação recíproca de crescimento e sustentação. Reforçar esta relação entre a humanidade foi a revolução do Francisco de ontem e é o verdadeiro desafio do Francisco de hoje.

No nível eclesial recordamos como São Pedro, a rocha sobre a qual Jesus edificou sua Igreja (Mt 16,18), na sua Primeira Carta fala da comunidade dos batizados, utilizando justamente o termo fraternidade (*adelphotëta*): “*Honrai a todos, amai a fraternidade, temeí a Deus*” (1Pd 2,17). Na verdade, como lembra Joseph Ratzinger, a Eucaristia, que está no coração da Igreja, é precisamente o “*sacramento da fraternidade*”⁴³.

No nível franciscano, Francisco fortalece o conceito de fraternidade. Imagem, terminologia e significado

⁴³ J. RATZINGER, *Idee fondamentali del rinnovamento eucaristico del XX secolo*, In ID., *Opera Omnia* (VII/1), Città del Vaticano 2016, p. 27.

tomam, assim, vida com a força do exemplo. Dizia, na verdade, a cada frade e a quem encontrava para amar-se mutuamente:

*E com confiança um manifeste ao outro a sua necessidade, para que lhe encontre e sirva as coisas necessárias. E cada qual ame e nutra seu irmão, como a mãe ama e nutre seu filho; nestas coisas Deus lhe concederá a graça*⁴⁴.

Aqui, a palavra “*fratello*” é entendida tanto ao masculino quanto ao feminino.

Esta expressão é tão verdadeira, fonte de amor, sustento e alimento, que assim como nos escritos de São Francisco o nome do Senhor ocorre 426 vezes, imediatamente é seguida pela palavra *fratello*, citada por 264 vezes⁴⁵. Um dado estatístico, que nos ajuda a compreender a importância da fraternidade, e a indicar que a fé no Senhor encontra um espelho substancial na relação com o outro.

⁴⁴ Regra não Bulada IX,10-11: FF 32.

⁴⁵ Cf. G. BOCCALI, *Concordantiae verbales opusculorum S. Francisci et S. Clarae Assisiensium*, Edizioni Porziuncola, Santa Maria degli Angeli-Assisi (PG) 1976, p. 921.

Oito séculos depois, eis que um Papa chamado Francisco chega a Assis. Não somente é o primeiro Papa que celebra sobre o túmulo de São Francisco, mas é também o Pontífice que assina a primeira Encíclica fora dos muros do Vaticano. Dá ao mundo inteiro, por meio desse gesto, uma mensagem de um Francisco que, no coração, carrega o outro Francisco.

Na Encíclica, por bem três vezes, aparece o nome de Francisco. Um número que possui um simbolismo muito forte. Não sei se o fato é deliberado ou se é o resultado de uma simples coincidência. O fato é que o número três nos lembra a comunhão, que vive no coração do próprio Deus, que é Pai, que é Filho, que é Espírito Santo. E se o Pai é tal porque olha para o Filho e vice-versa, assim o *fratello* é tal quando olha seu semelhante como *fratello* e, juntos, olham a Deus como Pai.

*O encontro com São Francisco
é o encontro com a fraternidade*

Graças à Encíclica *Fratelli tutti*, Bergoglio dá um passo para trás, em direção ao *Pobrezinho* e, ao mesmo tempo, permite-nos encontrar Francisco. Encontrar São Francisco é encontrar a fraternidade. Eis que agora quero fazer emergir o canto, que Maria viveu com os discípulos de Jesus e que Francisco expressou com os primeiros companheiros. Sua herança concentra-se, sobretudo, nos seus *Escritos*, que representam a raiz de uma árvore gigantesca, que se espalhou nos céus da Europa e do mundo, encarnando um cristianismo que soube conjugar lei e carisma, profecia e obediência, contemplação e ação, céu e terra, fé e cultura. Até chegar, depois de 800 anos, à soleira petrina, ao coração da cristandade. Podemos dizer que com a verticalidade da relação com Cristo entrelaçou-se uma límpida atenção à horizontalidade do amor fraterno.

O encontro feito cultura, para usar as palavras que Papa Francisco utiliza na Encíclica *Fratelli tutti*:

Armemos os nossos filhos com as armas do diálogo! Ensinemos-lhes a boa batalha do encontro! Isto implica o hábito de reconhecer, ao outro, o direito de ser ele próprio e de ser diferente. A partir deste reconhecimento feito cultura, torna-se possível a criação dum pacto social (FT 217-218). Eis, pois, o sabor de reconhecer o outro.

E o homem não é mais um desesperado, mas um redimido. Eis porque a Colina do inferno, onde o homem era condenado na mais atroz solidão, escolhida por Francisco para sua sepultura, é chamada Colina do Paraíso. A última palavra, não pronunciada, de Francisco é um protesto manso para com aquele populismo que relegava os últimos sobre uma colina, distante de Assis, criando uma fronteira e um muro, que somente sua escolha abateu de fato, fazendo com que aquela colina se tornasse uma ponte para com a cidade.

A solidão do homem transforma-se em canto de fraternidade. Um canto que é perfeitamente entoado pelos companheiros que repousam ao lado de Francisco, na lembrança dos pequenos fatos, dos gestos e da vida. Bergoglio escolhe assinar a Encíclica diante de Francisco e ao lado de seus primeiros companheiros.

Frei Masseo, o homem das perguntas impertinentes, mencionado na passagem narrada no texto dos *Fioretti*, perguntou ao Pobrezinho: “*Por que todo o mundo anda atrás de ti?*”, ouviu como resposta que isso era “*confusão do mundo e graça de Deus; porque eu sou o mais vil do mundo*”⁴⁶; ou ainda, sempre Frei Masseo, que, pergunta para Francisco, qual seria o melhor Frade. Na resposta, que encontramos no Espelho da Perfeição, está a grandeza de Francisco. Na verdade, para descrever aquele que para ele seria o Frade perfeito, Francisco elenca o melhor de cada um dos seus companheiros⁴⁷. Assim, somando as características de cada um, chega ao sumo da vocação franciscana: da pureza de Leão à fé de Bernardo, do bom senso de Masseo à cortesia de Ângelo... *Fratelli tutti*.

Frei Leão, amigo e confessor de São Francisco. Protagonista, com ele, de uma das páginas mais belas do franciscanismo das origens, o *Diálogo da verdadeira e perfeita alegria*⁴⁸. O canto da fraternidade é bem-dizer o outro, como Francisco fez com Frei Leão: “*O Senhor te*

⁴⁶ *I Fioretti* 10: FF 1838.

⁴⁷ *Espelho da Perfeição* 85: FF 1782.

⁴⁸ *Perfeita Alegria* 1-15: FF 278.

abençoe e te guarde; te mostre a sua face e tenha misericórdia de ti. Volva para ti o seu olhar e te dê a paz”⁴⁹.

Frei Rufino, primo de Santa Clara e Santa Inês. Graças a ele descobrimos como fraternidade é tocar, acariciar as feridas do outro. Rufino, de fato, toca com as próprias mãos “*aquela preciosa cicatriz*”⁵⁰ de Francisco.

Enfim, **Frei Ângelo Tancredi**, do Vale de Riete, que cumpriu o delicado encargo de “guardião” de Francisco nos seus últimos anos de vida e que nos mostra como a fraternidade significa estar ao lado do outro, até o fim. Assim, Frei Ângelo e Frei Leão cantaram, à cabeceira de Francisco, o Cântico do Irmão Sol, acompanhando-o entre os braços da “Irmã Morte”⁵¹.

É um discurso que não toca somente *ad intra* a vida religiosa, mas também *ad extra* as relações fraternas. Pensemos nas tantas passagens que emergem das Fontes Franciscanas sobre o viver a relação com o outro e que nos mostram como os inimigos podem tornar-se amigos. *Fratello* é o lobo, que nos remete às pessoas agressivas.

⁴⁹ *Bênção a Frei Leão* 1-2: FF 262.

⁵⁰ *I Celano* 95: FF 486.

⁵¹ *Compilação de Assis* 6-7: FF 1547.

Francisco chega a compreender sua raiva: o animal espantava as pessoas porque não tinha o que comer. Eis que Francisco lhe dá alívio e conquista sua confiança⁵². *Fratelli* são os ladrões, convidados para o almoço por São Francisco, que dá aos próprios companheiros uma lição de perdão, também para com quem perpetua sistemas de iniquidade, ganhando-os para a fraternidade⁵³. *Fratello* é também o estranho, o diferente. É o caso do Sultão: por meio do diálogo, do respeito e da estima recíproca, Francisco abate as barreiras da ameaça e da reivindicação⁵⁴. Enfim, Francisco, “servidor dos leprosos”, beija suas chagas e restitui a saúde aos doentes⁵⁵. *Fratelli* são os descartados de ontem e de hoje.

A chave desta relação com o outro a indica Papa Francisco que, no texto assinado em Assis, nos mostra *o valor e o significado* de uma outra palavra chave, o *perdão*:

Não se trata de propor um perdão renunciando aos próprios direitos perante um poderoso corrupto, um criminoso ou alguém que degrada a nossa dignidade. Somos chamados a amar a todos, sem exceção, mas

⁵² *I Fioretti* 21: FF 1852.

⁵³ *Compilação de Assis* 115: FF 1669.

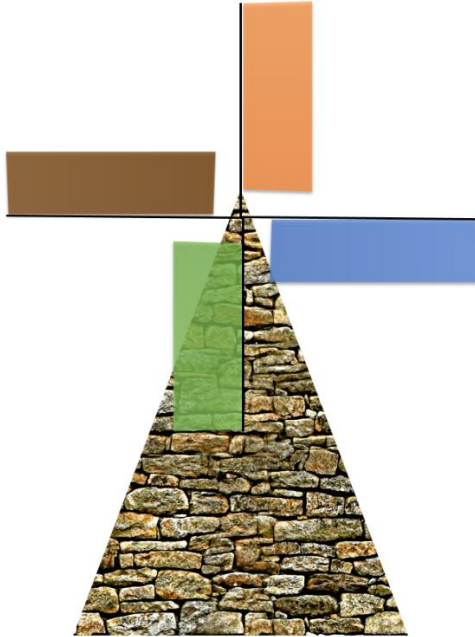
⁵⁴ *Legenda Maior* 9,8: FF 1173.

⁵⁵ *Legenda Maior* 2,6: FF 1046.

amar um opressor não significa consentir que continue a ser tal [...]. Perdoar não significa permitir que continuem a espezinhar a própria dignidade e a do outro, ou deixar que um criminoso continue a fazer o mal. Quem sofre injustiça tem de defender vigorosamente os seus direitos e os de sua família, precisamente porque deve guardar a dignidade que lhes foi dada, uma dignidade que Deus ama (FT 241).

A fraternidade, em resumo, ajuda-nos a preservar a vida do homem, como diria o Cardeal Gianfranco Ravasi, da inflação, da vulgaridade, do vanilóquio, do insulto, da calúnia, da perversão, da violência. A fraternidade é o verdadeiro antibiótico para o vírus que mina a existência humana e purifica a Igreja, a sociedade e a política. Enfim, o coração do homem.

Em última instância, a fraternidade de Francisco nos diz que a pessoa humana está em primeiro lugar. Antes da orientação sexual, antes dos papéis e da história que as relações deixaram inscrito em nossa pele. Antes das condições econômicas e sociais, pobre ou rico, doente ou saudável, ignorante ou culto, jovem ou ancião. Antes das condições étnicas. Antes vem a pessoa, em sua dignidade. Sim, antes existe a pessoa humana. O segredo do ser *fratelli tutti*.



AS RAÍZES FRANCISCANAS DA ENCÍCLIA *FRATELLI TUTTI*⁵⁶

*Frei Pietro Maranesi, OFM^{Cap}*⁵⁷

É possível supor que, com esta nova Encíclica, o Papa Francisco tenha desejado retomar e ampliar um elemento específico da metáfora utilizada, pela primeira vez, no contexto do magistério no documento *Gaudium et Spes*, do Vaticano II: o mundo inteiro visto e reconhecido como “*família humana*”, aquela que, em Deus, tem um Pai de todos. Na Encíclica precedente, *Laudato si'*, vigorosa num olhar de fé sobre aquele Amor eterno do qual tudo deriva e ao qual tudo retorna, o Pontífice havia recordado

⁵⁶ Maranesi, Pietro, *Posfácio*. In: Papa Francesco, *Fratelli tutti. Enciclica sulla fraternità e l'amicizia sociale. Prefazione* di fra Enzo Fortunato; *Postfazione* di fra Pietro Maranesi. Copyright Editrice Velar 2020, Via Torquato Tasso 10, 24020 Gorle (BG), pp. 209-219. Tradução de Frei João Carlos Karling, OFM (jckarling@gmail.com); revisão de Frei Plácido Robaert, OFM.

⁵⁷ *Frade Menor Capuchinho, professor de teologia e franciscanismo em Assis e Roma.*

a todos os homens que esta família humana vive “*numa casa comum*”, a qual é “*como uma irmã, com a qual compartilhamos a existência, e como uma bela mãe que nos acolhe entre os seus braços*” (LS 1). Ela, contudo, é frágil e tem necessidade de ser cuidada mediante corajosas e necessárias escolhas ecológicas, que evitem a catástrofe ambiental, colocando em risco a própria vida sobre a terra.

Com este novo texto, o Papa desloca a atenção da casa para aqueles que a habitam, convocando-os a defender sua qualidade de vida, por meio de escolhas não somente ecológicas, mas também sociais e econômicas, que realizem a justiça e a paz entre os homens. Todavia, até que isso aconteça, necessário se faz uma consciência fundamental, colocada como critério irrenunciável no pensar e organizar a sociedade: “*todos somos irmãos*”.

Entre os dois últimos documentos papais, não somente se nota uma continuidade temática, mas também um outro importante elemento que lhes é comum: o vínculo com o Santo de Assis, confirmando assim, além de toda dúvida, a forte consonância do Papa Francisco com Frei Francisco. Nos dois escritos, na verdade, o pontífice

assumiu do ‘*Poverello*’, não somente os títulos dos dois documentos, mas também a inspiração ideal do modo de abordar e propor as questões, vínculo explicitamente confirmado pelo Papa no início do seu último texto: “*Francisco recebeu no seu íntimo a verdadeira paz, libertou-se de todo o desejo de domínio sobre os outros, fez-se um dos últimos e procurou viver em harmonia com todos. Foi ele que motivou estas páginas*” (FT 4). Está Claro que, assumindo o título da Encíclica *Fratelli tutti* (*omnes fratres*) da Sexta Admoestação de Francisco, onde assim se lê: “*Irmãos todos, prestemos atenção ao Bom Pastor que, para salvar suas ovelhas, suportou a paixão da cruz*”⁵⁸, o Papa quis conectar-se a um dos aspectos fundamentais da vida evangélica do Santo de Assis, isto é, ao seu espírito de fraternidade universal.

É possível, pois, crer que, partindo de Francisco de Assis e do seu modo de entender e viver a fraternidade, possamos individuar importantes chaves de acesso a algumas lógicas ideais que movem e animam o texto do Papa Francisco. Sem pretender uma leitura sistemática do

⁵⁸ Admoestação VI,1: FF 155.

documento pontifício, tentaremos, então, percorrer o texto, propondo e sublinhando temáticas dos escritos de Frei Francesco.

O primeiro aspecto a ser relevado é a “*paixão universal*” que movia o Santo de Assis; espírito presente também em todo documento do Papa. Emblemática é a carta enviada pelo ‘*Poverello*’ “*a todos [...] homens e mulheres [...] que habitam o mundo inteiro*”⁵⁹, aos quais dirige uma fundamental exortação: “*Produzamos [...] dignos frutos de penitência*”⁶⁰. A palavra deve ser entendida no sentido bíblico: mudar a perspectiva de pensamento sobre si mesmo e sobre os outros. É isso mediante uma dupla operação: tomar consciência das escolhas pessoais negativas, que conduzem à morte⁶¹, para substituí-las por escolhas animadas pela boa notícia da paternidade de Deus, transformando-as em misericórdia para os outros e paz com todos⁶². Na base desse olhar de Francisco sobre o mundo existia, pois, uma paixão que

⁵⁹ *Carta aos Fiéis, Segunda recensão*, 1: FF 179.

⁶⁰ *Carta aos Fiéis, Segunda recensão*, 25: FF 190.

⁶¹ *Carta aos Fiéis, Segunda recensão*, 63-85: FF 203-205.

⁶² *Carta aos Fiéis, Segunda recensão*, 16-61: FF 186-202.

desejava abraçar cada pessoa, para oferecer-lhe uma palavra “*de conversão*”.

O Papa, com seu texto, quer fazer o mesmo. A perspectiva de fundo é clara: propor uma reflexão que “*se abra ao diálogo com todas as pessoas de boa vontade*” (FT 6 e 56), oferecendo a todos “*um novo sonho de fraternidade e amizade social*” (FT 6). Isso, porém, só é possível por meio de um ato de “*penitência coletiva*” (expressão não usada explicitamente pelo Papa), por meio do qual tomar consciência dos perigos que a inteira humanidade está correndo por causa das escolhas sociais e econômicas, muitas vezes guiadas pelo egoísmo dos mais fortes e pela indiferença nas relações dos mais avantajados, criando assim os pressupostos para a violência e o confronto. O primeiro capítulo da Encíclica, *as sombras dum mundo fechado*, constitui-se em forte e clara denúncia dos pecados da nossa sociedade. A esta sociedade, que deixa às margens da estrada, golpeados pela pobreza e pela injustiça, muitos homens e mulheres sem esperança de uma vida digna, o Papa propõe no capítulo seguinte, com o título emblemático *Um estranho*

no caminho, o modelo de referência do bom samaritano. Dessa figura ele assume os critérios “*humanos*” com os quais “*converter*” a indiferença para com os pobres e redefinir uma consciência fraterna entre as pessoas. Os seis capítulos que seguem podem ser lidos como propostas concretas dos “*frutos de penitência*”, isto é, “*de conversão*”, com os quais realizar, hoje, o conteúdo evangélico solicitado por Jesus na parábola do samaritano.

O segundo aspecto que se pode assumir de Frei Francisco, para ler o documento, diz respeito às características humanas que deveriam distinguir a pessoa de boa vontade, animada de paixão pela penitência-conversão para com a fraternidade universal. A esse propósito temos um texto belíssimo, no qual o Santo recorda aos Frades as atitudes que deveriam distinguir o modo deles de se encontrar com os outros:

*Aconselho, todavia, admoesto e exorto a meus irmãos no Senhor Jesus Cristo que, quando vão pelo mundo, não discutam nem alterquem com palavras nem julguem os outros; mas sejam mansos, pacíficos e modestos, brandos e humildes, falando a todos honestamente, como convém*⁶³.

⁶³ Regra Bulada III,11-12: FF 85.

Também para Frei Francisco, todos aqueles que quiserem “*Pensar e gerar um mundo aberto*” (FT, capítulo III) deveriam ter, necessariamente, “*Um coração aberto ao mundo inteiro*” (FT, capítulo IV), um coração que, de uma parte, deverá ser livre da rivalidade e da contenda e, de outra parte, pleno daquelas habilidades humanas caracterizadas por uma atitude, que resume todas as demais: a “*amabilidade*”. Se, em Frei Francisco, o termo está implicitamente ligado à mansidão, à modéstia, à brandura e à humildade, para a qual ele exorta os Frades, ele por sua vez, é estratégico na proposta do Papa: sem a “*amabilidade*”, na verdade, não pode existir “*Diálogo e amizade social*” (FT, capítulo VI). Não é, pois, por acaso que, neste capítulo, ele dedique ao tema “*recuperar a amabilidade*” bem três números (FT 222-224), nos quais, entre outras coisas, se lê:

O exercício da amabilidade não é um detalhe insignificante nem uma atitude superficial ou burguesa. Dado que pressupõe estima e respeito, quando se torna cultura numa sociedade, transforma profundamente o estilo de vida, as relações sociais, o modo de debater e confrontar as ideias. Facilita a busca de consensos e abre caminhos onde a exasperação destrói todas as pontes (FT 224).

A “*amabilidade*”, qual espírito de diálogo e de respeito para com todos, sozinha, todavia, não basta. Ela deve produzir escolhas concretas e eficazes de fraternidade e de amizade. Também nesse caso, deixemo-nos guiar por Frei Francisco, para introduzir-nos em alguns temas operativos tratados pelo Papa.

A escolha fraterna e de amizade, efetuada no início pelo Santo, como novo modo de estar no mundo, é narrada com muita precisão por ele mesmo, em seu Testamento. “*Como estivesse em pecados*”, isto é, ligado à lógica do domínio e poder sobre os outros, “*foi conduzido pela mão de Deus*”⁶⁴ entre os últimos de sua sociedade, aqueles que viviam fora da cidade, porque perigosos: os leprosos. E ali, compartilhava a sorte deles; ele “*começou a fazer penitência*”⁶⁵, isto é, iniciou a mudar os critérios de vida: da indiferença ou do desprezo na relação com os leprosos, passou à lógica da “*misericórdia*”⁶⁶. O termo é empregado por ele para sintetizar quanto fora operado entre os

⁶⁴ “... o próprio Senhor me conduziu entre eles...” (*Testamento 2: FF 110*).

⁶⁵ *Testamento 1: FF 110*.

⁶⁶ *Testamento 2: FF 110*.

leprosos: não mera “compaixão” ou “comiseração”; realizou uma forma de inclusão social. O serviço de Francisco aos leprosos veio, assim, a assumir uma implícita valência “*política*”: restituir a eles dignidade e chamar de volta, moralmente, Assis à sua responsabilidade para com estes marginalizados.

A experiência vivida pelo Santo com os leprosos (evento, infelizmente, não citado pelo Papa), introduz-nos no coração da Encíclica; na verdade, construir um mundo fraterno, no qual os últimos são reinseridos no tecido social, significa, para o Pontífice, projetar uma sociedade que use também critérios políticos de “*caridade*”, critérios que superem e completem aqueles pura e exclusivamente econômicos. Somente assim se poderá enfrentar e gerir, por exemplo, a grave crise migratória, caracterizada por enormes e irreprimíveis fluxos de pobres que batem às portas de nossas cidades, esperando nelas encontrar condições de vida mais dignas e humanas do que aquelas deixadas em suas terras. Recordemos aqui somente um texto, entre os muitos do importante e central capítulo V, intitulado *A melhor política*:

Só com um olhar cujo horizonte esteja transformado pela caridade, levando-nos a perceber a dignidade do outro, é que os pobres são reconhecidos e apreciados na sua dignidade imensa, respeitados no seu estilo próprio e cultura e, por conseguinte, verdadeiramente integrados na sociedade. Um tal olhar é o núcleo do autêntico espírito da política (FT 187).

A “*caridade política*” também pede inteligência de escolhas, capazes de favorecer a paz, fundando-a sobre a justiça. A tal propósito, existe um episódio na vida de Frei Francisco que pode ser lido como base ideal das estratégias políticas propostas pelo Papa. Trata-se do conto parabólico do lobo de *Gubbio*, no qual o próprio Francisco se faz promotor de paz entre a cidade e o lobo. Podemos afirmar que o Santo realizou antecipadamente aquilo ao qual o Papa exorta cada homem de boa vontade, que crê na paz e trabalha pela inclusão:

O que conta é gerar processos de encontro, processos que possam construir um povo capaz de recolher as diferenças. Armemos os nossos filhos com as armas do diálogo! Ensinemos-lhes a boa batalha do encontro! (FT 217).

Somente pelo diálogo, na verdade, podem ser aviadas “*estratégias políticas*” capazes de promover, entre as partes, escolhas de justiça e, logo, de respeito: “*E tu,*

Irmão lobo, deixa de viver com violência e vós, eugubinos, com empenho, assegurai-lhe uma vida digna, nutrindo-o cada dia”⁶⁷.

Poder-se-ia, pois, assumir a narrativa do lobo de *Gubbio* dos *Fioretti* como chave para ler os estímulos políticos oferecidos por Bergoglio no capítulo sétimo: *Percursos dum novo encontro*. Os temas tratados pelo Papa naquele contexto são, de fato, aqueles realizados por Frei Francisco em *Gubbio*: “*recomeçar a partir da verdade*” (FT 226-227) e tornar-se um “*artesão da paz*” (FT 228-232), que se alinha “*sobretudo com os últimos*” (FT 233-235) e consegue fazer triunfar entre todos “*o valor e o significado do perdão*” (FT 236-245).

O último parágrafo do capítulo também se liga bem ao texto parabólico dos *Fioretti*: a refutação radical e definitiva da “*pena de morte*” (FT 263-270), escolha que vale também nos confrontos com um lobo feroz. Belíssima e eficaz a conclusão oferecida pelo Papa em motivar esta escolha de civilidade:

A rejeição firme da pena de morte mostra até que ponto é possível reconhecer a dignidade inalienável de todo o

⁶⁷ Cf. *I Fioretti* 21: FF 1852.

ser humano e aceitar que tenha um lugar neste universo (FT 269).

O último aspecto da Encíclica que queremos destacar, partindo dos estímulos que vem da história de Francisco, diz respeito ao diálogo inter-religioso. Também o Papa sentiu necessidade de citar a famosa e importante passagem presente na primeira Regra de Francisco, na qual o Santo tinha estabelecido um método absolutamente inovador no encontro com o mundo islâmico:

Os irmãos que vão, no entanto, entre os infiéis [...] não litiguem nem porfiem, mas sejam submissos a toda criatura humana por causa de Deus e confessem que são cristãos⁶⁸.

Com os “irmãos muçulmanos” os Frades deviam usar as mesmas estratégias empregadas com os “irmãos cristãos”. O apreço expresso pelo Papa em relação ao texto de Frei Francisco é emblemático para esclarecer sua visão:

É impressionante que, há oitocentos anos, Francisco recomende evitar toda a forma de agressão ou contenda e também viver uma “submissão” humilde e fraterna, mesmo com quem não partilhasse a sua fé (FT 3).

O Pontífice encontra, pois, na atitude do Santo de Assis, uma confirmação decisiva da sua adesão ao valor

⁶⁸ Regra não Bulada XVI,5-6: FF 43.

irrenunciável do diálogo inter-religioso. Na Encíclica, com frequência, é lembrado o encontro ocorrido em Abu Dhabi, no ano de 2019, com o Grande Imam Ahmad Al-Tayyeb, evento reconhecido pelo Papa, inclusive, como inspirador do seu texto magisterial (FT 5).

Não podia, pois, não dedicar o último capítulo à grave questão da diversidade religiosa: *As religiões ao serviço da fraternidade no mundo* (cap. VIII). Estimulado também por Frei Francisco, pela rejeição de toda violência e rivalidade na relação com os “*infieis*”, o Papa não se subtrai à crítica mais grave movida pelo mundo contemporâneo às religiões: “*religião e violência*” (FT 281-284). As diferentes expressões religiosas de fé são instrumentos de paz ou de violência? A resposta, para o Papa, é segura: o clima de intolerância, ou melhor, “*o terrorismo execrável que ameaça a segurança das pessoas [...] tem origem no cúmulo de interpretações erradas dos textos religiosos, nas políticas de fome, de pobreza, de injustiça, de opressão, de arrogância*” (FT 283).

Hoje, então, mais do que nunca, permanece absolutamente válido quanto havia sido firmado no documento de Abu Dhabi:

Em nome da justiça e misericórdia, fundamentos da prosperidade e pilares da fé. Em nome de todas as pessoas de boa vontade, presentes em todos os cantos da terra. Em nome de Deus e de tudo isto, [...] declaramos adotar a cultura do diálogo como caminho; a colaboração comum como conduta, o conhecimento mútuo como método e critério (FT 285, Apelo final na Encíclica).

Uma última observação no que diz respeito aos dois números finais do texto (FT 286-287), nos quais Bergoglio recorda os nomes daqueles que inspiraram suas reflexões sobre a fraternidade universal: além de reafirmar, em primeiro lugar, o nome de São Francisco de Assis, são acrescentados também aqueles de Martin Luther King, Desmond Tutu e de Mahatma Mohandas Gandhi; a última citação tem, para o Papa, um valor especial: o bem-aventurado Carlos de Foucauld (FT 286), o qual, desejando ser irmão universal, realizou este programa “*somente identificando-se com os últimos*” (FT 287).

Na verdade, no texto do Papa Francisco escuta-se novamente aquela música que também Frei Francisco havia

sentido ressoar no Evangelho: Deus é Pai de todos e ama cada homem com a mesma gratuidade e generosidade com a qual o sol ilumina e a chuva irriga, dando vida à vida. Somente essa melodia dá coragem de crer na fraternidade universal, aquela última e definitiva sinfonia, na qual o amor d'Ele será tudo em todos.

Com seu texto, o Papa lembra a todos nós uma verdade fundamental:

Se a música do Evangelho parar de vibrar nas nossas entranhas, perderemos a alegria que brota da compaixão, a ternura que nasce da confiança, a capacidade da reconciliação que encontra a sua fonte no fato de nos sabermos sempre perdoados-enviados. Se a música do Evangelho cessar de repercutir nas nossas casas, nas nossas praças, nos postos de trabalho, na política e na economia, teremos extinguido a melodia que nos desafiava a lutar pela dignidade de todo o homem e mulher (FT 277).



FUNDAMENTO E PROJEÇÃO FRANCISCANA DA ENCÍCLICA *FRATELLI TUTTI*⁶⁹

*Frei Bernardo Molina, OFM^{Cap}*⁷⁰

Abertura

Moderadora (*Irmã Zulma*): Boa tarde! Damos as boas-vindas a todas as pessoas que estão conectadas. Este dia é um dia muito especial. Esperamos que seja uma oportunidade para que possamos crescer como grande família, a Família Franciscana.

Hoje temos uma temática importante para tratar. Antes, porém, vamos preparar-nos. Vamos apresentar-nos ao Senhor, e pedir a graça do Espírito Santo, no dia em que

⁶⁹ Transcrição e tradução da Live promovida pela Família Franciscana do Chile, realizada no dia 22 de maio de 2021, feita por Frei João Carlos Karling, OFM (jckarling@gmail.com). Preservamos o tom coloquial da mesma, revista pelo autor Frei Bernardo Molina, OFM^{Cap}, revisada por Frei Plácido Robaert, OFM, acessível em <https://www.facebook.com/franciscanoschile/videos/398020987921732>

⁷⁰ *Frade Menor Capuchinho*, é professor na Escola Superior de Estudos Franciscanos de Madri e no Instituto Franciscano de Espiritualidade, em Roma (Pontifícia Universidade *Antoniana*).

estamos já na Vigília de Pentecostes. Vamos pedir ao Senhor da Vida que nos ajude a contemplá-lo. Convido-os para que nos unamos em oração por todos os que estão participando, por todas as nossas Famílias Congregacionais, por toda Igreja. Peçamos ao Santo Espírito de Deus que nos conceda, nesta tarde, a graça de contemplá-lo por meio da bela oração dos **Louvores ao Deus Altíssimo**⁷¹, de Francisco de Assis. Iniciemos. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

*[1] Tu és santo, Senhor Deus único,
que fazes maravilhas. (Sl 76, 15).*

*[2] Tu és o forte,
Tu és o grande (Sl 85, 10),
Tu és o altíssimo,
Tu és o rei onipotente,
Tu, Pai santo, o Rei do Céu e da Terra.*

*[3] Tu és o Trino e Uno,
Senhor Deus dos deuses;
Tu és bom, todo o bem, o sumo bem,
Senhor Deus vivo e verdadeiro (cf. 1Ts 1, 9)!*

*[4] Tu és o amor, a caridade:
Tu és a sabedoria,
Tu és a humildade,*

⁷¹ *Fontes Franciscanas*, Coordenação geral Dorvalino Francisco Fassini; edição João Mamede Filho, Santo André, SP, Editora O Mensageiro de Santo Antônio, 2004, pp. 125-126.

*Tu és a paciência (Sl 70, 5),
Tu és a beleza,
Tu és mansidão;
Tu és segurança,
Tu és a quietude,
Tu és o gáudio,
Tu és a nossa esperança e alegria,
Tu és a justiça,
Tu és a temperança,
Tu és toda a nossa riqueza à saciedade.
[5] Tu és a beleza,
Tu és a mansidão,
Tu és o protetor (Sl 30, 5),
Tu és o guarda e nosso defensor;
Tu és a força (cf. Sl 42, 2),
Tu és o refrigério.
[6] Tu és a nossa esperança,
Tu és a nossa fé,
Tu és a nossa caridade,
Tu és toda a nossa doçura,
Tu és a nossa vida eterna:
Grande e admirável Senhor,
Deus onipotente,
misericordioso Salvador.*

Deixaremos nossa oração contemplativa aberta. As imagens nos lembram o quanto o Senhor nos ama e quão bela é nossa Casa Comum.

Nossas boas-vindas a todos e, como sabemos, damos continuidade aos **encontros de formação**, organizados

pela nossa Família Franciscana, aqui no Chile. No sábado passado, tivemos a graça de contemplar e participar do encontro de formação, com a grande temática da “*Amoris Laetitia*”, que foi apresentada pelos dois grandes teólogos, Cláudia Leal e o Irmão Paulo Lopes, da Ordem Agostiniana.

Hoje também vamos contemplar uma bela temática. Aqui teremos nosso querido irmão, Frei Bernardo Molina. Ele é irmão Capuchinho, pertencente à Província São Francisco de Assis, no Chile. Atualmente é professor na Pontifícia Universidade Antoniana, em Roma. Também dá aulas na Faculdade de Teologia “São Boaventura”, em Roma. Nosso irmão é autor de vários artigos e livros. Damos graças a Deus por tê-lo conosco e agradecemos sua generosa disponibilidade. Sabemos que aí, em Roma, Frei Bernardo, vocês têm outro horário. Imagino que devam ser umas dez da noite ou um pouco mais tarde. Quero dar-lhe as boas-vindas e agradecer-lhe pelo serviço que presta a nós e à Família Franciscana.

Abramos nosso coração para essa grande temática, tão importante em nosso tempo, para aprendermos.

Abramos o coração e o espírito para essa grande novidade que o Senhor, hoje, vai nos dar, por meio do nosso querido Irmão Frei Bernardo.

Frei Bernardo Molina:

Muito agradecido, Irmã! Espero que todos me escutem bem e consigam acompanhar a apresentação que preparei. Em primeiro lugar, muito agradecido pelo convite. Creio que o tema que vamos abordar é muito bonito e adequado para as vésperas e a vigília de Pentecostes.

Neste momento, os irmãos da minha Fraternidade, aqui em Roma, onde vivemos em grupo de 130 Frades, estamos celebrando a vigília de Pentecostes, preparando-nos para a vinda do Espírito Santo. Creio que o tema, que vamos estudar, pode ajudar-nos a abrir o coração, para recebermos e acolhermos o Espírito de Amor, o Espírito de Deus.

Minha saudação, em primeiro lugar, a todos os Irmãos Capuchinhos da minha Província. Sei que alguns estão conectados neste momento. Minha saudação a toda Família Franciscana do Chile, especialmente a tantas Irmãs

e Irmãos com quem compartilhamos o caminho do seguimento a Jesus Cristo, e a tantos amigos e amigas leigas, que neste momento estão conectados.

Passemos, então, à apresentação do tema, que será de mais ou menos uma hora. Espero não os aborrecer ao longo da apresentação. Preparei um pequeno *power point*, que, espero possamos vê-lo. Vou compartilhá-lo imediatamente.

Coloquei, como título da reflexão, “***Fundamento e projeção franciscana da Encíclica Fratelli tutti***”, com o seguinte esquema:

0. Esquema da apresentação;
1. Admoestação VI (Título);
2. O fundamento da fraternidade e da amizade universal, segundo Francisco de Assis e a Encíclica *Fratelli tutti*:
 - Fraternidade,
 - Minoridade;
3. Características que criam a fraternidade e amizade universal, segundo Francisco de Assis e a Encíclica *Fratelli tutti*:

- a penitência,
 - o encontro,
 - o respeito,
 - a valorização,
 - o diálogo,
 - a inclusão,
 - a pacificação,
 - a simplicidade;
4. Conclusão.

1. Admoestação VI

O primeiro ponto a considerar é a Admoestação VI de Francisco de Assis, que é parte do título da Encíclica que o Papa presenteou a toda a Igreja. Depois, como segundo ponto, o fundamento da Fraternidade e da Amizade Universal, segundo os Escritos de Francisco de Assis e a Encíclica *Fratelli tutti*. Dois elementos fundamentais e característicos da identidade e do Carisma Franciscano, a Fraternidade e a Minoridade. Um terceiro elemento a ser abordado são as características que criam a Fraternidade e a Amizade Universal, segundo Francisco de Assis e a Encíclica *Fratelli tutti*. Veremos alguns elementos

essenciais, como a Penitência, o Encontro, o Respeito, a Valorização, o Diálogo, a Inclusão, a Pacificação, a Simplicidade. Elementos que estão intrínseca e intimamente unidos. E, no final, teremos uma pequena conclusão.

O Papa Francisco quis, novamente, vincular-se a um dos aspectos fundamentais da Vida Evangélica de Francisco de Assis: o Espírito da Fraternidade e da Fraternidade Universal. Toma como título uma expressão da Admoestação VI⁷², que diz “*Todos Irmãos*”, “*Omnes Fratres*”.

Sabemos que as Admoestações eram considerações que Francisco de Assis, no decurso de vários anos, foi dando aos Irmãos, com a finalidade de animar a vida espiritual, pessoal e fraterna. Encontramo-nos diante de um texto muito importante no conjunto das Admoestações, quase central no corpo das mesmas, como é a Admoestação VI. O texto, que é a fonte e que serviu de inspiração ao título da Encíclica *Fratelli tutti*, diz assim:

Irmãos todos, prestemos atenção ao Bom Pastor que, para salvar suas ovelhas (cf. Jo 10-11), suportou a

⁷² Admoestação VI, 1-3: FF 155.

*paixão da cruz. As ovelhas do Senhor seguiram-no na tribulação e na perseguição, na vergonha e na fome (cf. Rm 8,35; 2Cor 11,17), na enfermidade e na tentação e em outras coisas mais; e, a partir disso, receberam do Senhor a vida eterna. Daí, é grande vergonha para nós, servos de Deus, que os santos tenham feito as obras, e nós, proclamando-as, queiramos receber a glória e a honra*⁷³.

Este é o texto ditado por Francisco de Assis. A Admoestação VI é um chamado à radicalidade do seguimento a Jesus Cristo, que Francisco de Assis faz aos irmãos. O seguimento a Jesus Cristo, com um plus: a radicalidade, no seguimento a Jesus. A dinâmica interna do texto implica em três momentos importantes e, parece-me fundamental, ter uma ideia bem geral do texto de Francisco de Assis, que inspirou o Papa Francisco. Por isso, apresento-lhes, brevemente, estes três elementos fundamentais da Admoestação VI⁷⁴.

O primeiro elemento: O Bom Pastor, Jesus Cristo, é o modelo dos irmãos; um modelo inclusivo de vida, para os irmãos. A Compaixão e a Misericórdia impulsionam,

⁷³ *Admoestação VI,1-3: FF 155.*

⁷⁴ Cf. F. Uribe – B. Molina, *El canto del hombre pobre. Lectura y actualización de las admoniciones de san Francisco de Asís*, Madrid 2017, 83-92.

segundo Francisco de Assis, ao Bom Pastor, que é Jesus Cristo, a entregar sua vida pela salvação das ovelhas, seu povo, segundo o Evangelho de João. Descobre-se, pois, nesta primeira parte do texto de Francisco de Assis, um elemento teológico importante. Qual? A universalidade da Salvação, que o Papa vai trabalhar em toda a Encíclica, a partir de diferentes perspectivas.

O segundo elemento da Admoestação, o versículo dois, diz que as ovelhas, que seguem o Senhor, são um exemplo de seguimento para os outros. Essas ovelhas, segundo Francisco de Assis, são os discípulos, os frades menores, aqueles que entregaram a vida seguindo Jesus Cristo. Aqueles que seguiram radicalmente o Senhor são autênticos Irmãos Menores; são autênticos Irmãos e Menores. Portanto, é um chamado para a radicalidade do seguimento a Jesus, pelo qual as dificuldades, as diferenças e os conflitos não são obstáculo para esse seguimento a Jesus. Poder-se-ia dizer, com categorias dos nossos dias, que a fragilidade, nesse caso, é um ponto de partida e um lugar de encontro. Isso será evidenciado, de maneira clara, na Encíclica do Papa Francisco. São elementos

fundamentais que não impedem, mas ao contrário, geram espaços de encontro e de partilha de vida.

O terceiro e último elemento fundamental do texto que acabamos de escutar, e que desde sempre foi central para Francisco de Assis, e que inspirou o Papa Francisco é: os servos de Deus devem reproduzir, na vida pessoal, o seguimento a Jesus; devem agir a partir do seguimento a Jesus; devem recriar o seguimento de Jesus. E quem são os servos de Deus? São os Irmãos Menores, todos os cristãos, todos aqueles que querem seguir Jesus pela via/vida da humildade e, como dizemos em nossa família, pela via/vida da minoridade.

O Papa Francisco, de todos esses elementos importantes que se encontram no texto, se concentra numa expressão: *todos os irmãos*, ou como disse Francisco de Assis, *omnes fratres, todos os irmãos*. Um elemento, para que esta palavra se revele um elo fundamental da Fraternidade, é a Universalidade. Desde as primeiras páginas, o Papa nos diz que sua intenção, com essa Encíclica, não é resumir a doutrina sobre o amor fraterno, mas deter-se sobre sua dimensão universal, em sua abertura

para todos. Isso é, a dimensão da abertura para a universalidade da Fraternidade.

Com efeito, ele atribui à Encíclica um título muito belo, muito singelo. E como é importante Francisco de Assis! Nos primeiros números da Encíclica, ele o chama de “*Santo do amor fraterno*” (FT 2), com seu vínculo indissolúvel, muito forte, no seguimento a Jesus e com a Fraternidade. A Encíclica apresenta as características da Fraternidade e da Amizade Universal. E, ao mesmo tempo, propõe alguns elementos para criar um mundo e um ambiente de irmãos e amigos. A partir dessa perspectiva, pode afirmar-se que o texto da Encíclica tem uma profunda raiz e, ao mesmo tempo, projeção franciscana. Francisco de Assis é uma motivação e uma inspiração para o Papa Francisco. Todos os franciscanos, creio que, neste caso, são fortemente desafiados a contribuir na renovação da Igreja e da sociedade. A radicalidade de nossa forma de vida é a melhor promoção vocacional que podemos fazer e, seguramente, a melhor contribuição que podemos dar ao mundo atual e à Igreja.

A paixão universal é um elemento característico da experiência de Francisco de Assis, espírito presente em todo documento do Papa Francisco: “*Embora a tenha escrito a partir das minhas convicções cristãs, que me animam e nutrem, procurei fazê-lo de tal maneira que a reflexão se abra ao diálogo com todas as pessoas de boa vontade*” (FT 6), isso é, para todos. Emblemática, nesse sentido, é a carta que Francisco de Assis escreveu a todos os fiéis da Igreja, na qual diz: “*A todos [...] os homens e mulheres, a todos os que habitam no mundo inteiro*”⁷⁵, ou seja, aqueles que vivem em seu tempo e aos quais Francisco dirige um chamado muito pontual. Qual? “*Produzamos [...] dignos frutos próprios de penitência*”⁷⁶, isto é, frutos de conversão. Um chamado universal à conversão. Existe, no interior da *Fratelli tutti*, como no espírito de Francisco de Assis, uma relação muito estreita, intrínseca, indissolúvel, fundamental, que não se pode dividir, entre fraternidade, universalidade e conversão. Esta é a apresentação da Encíclica e, obviamente, ela finca suas raízes na

⁷⁵ Cf. *Carta aos Fiéis, Segunda recensão*, 1: FF 179.

⁷⁶ Cf. *Carta aos Fiéis, Segunda recensão*, 25: FF 190.

espiritualidade e na experiência carismática de Francisco de Assis.

2. O fundamento da Fraternidade e da Amizade Universal, segundo Francisco de Assis e a Encíclica Fratelli tutti

Vamos, pois, ao segundo ponto: “o fundamento da fraternidade e da amizade universal, segundo Francisco de Assis e a Encíclica ***Fratelli tutti***”. Francisco de Assis nasceu, viveu e morreu num período de crise; esse é seu contexto vital e histórico. É um período de crise, crise de confiança. Assim também o diz Papa Francisco, no número 4:

Naquele mundo cheio de torreões de vigia e muralhas defensivas, as cidades viviam guerras sangrentas entre famílias poderosas, ao mesmo tempo que cresciam as áreas miseráveis das periferias excluídas. Lá, Francisco recebeu no seu íntimo a verdadeira paz, libertou-o de todo o desejo de domínio sobre os outros, fez-se um dos últimos e procurou viver em harmonia com todos (FT 4).

Uma belíssima síntese da espiritualidade de Francisco de Assis. Na baixa Idade média existia um ambiente de ideais desencontrados. De uma parte, uma grande desilusão, frustração e desencanto para com as

estruturas imperantes, isto é, do regime social e eclesial e, por outro lado, de grandes ideais eclesiais que despertavam entre as pessoas; ideais, a maioria deles baseados no Evangelho; ideais de renovação, de respostas novas.

Se olharmos com atenção o denominador comum dos dois sistemas, tanto social quanto eclesial, que estava em crise na época de Francisco de Assis, perceberemos que era o exercício do poder, da liderança e da autoridade moral. Logo, as relações de confiança estavam quebradas devido aos comportamentos dos líderes: Imperadores, Papa, Reis, Clero fizeram colapsar o sistema, juntamente com outros fatores. Isso criou um ambiente de ideais desencontrados, privilegiando o pessimismo, a desqualificação, os prejuízos e a indiferença.

Esse era o contexto de Francisco de Assis, que não é muito diferente do nosso contexto, lamentavelmente. É um fato surpreendente que Francisco de Assis, nesse contexto, situe seus seguidores como Irmãos, isto é, como Fraternidade, e como servos; isso é, como Menores. A Fraternidade e a Minoridade eram antagônicas, contrárias ao exercício equivocado do poder, que rompia e rompe

confianças. Francisco de Assis, nesse contexto, foi capaz de originar uma mudança e uma mudança positiva, como o dirá o próprio Papa Francisco em sua Encíclica.

A proposta evangélica do Irmão Francisco de Assis introduz uma inversão na lógica do poder, isto é, uma inversão na organização estrutural e piramidal, tão fundamental naquele período. Ele coloca em primeiro lugar os últimos e em último lugar os senhores. Introduz, dessa maneira, a lógica do Evangelho. Qual é essa lógica? Seguramente todos já a lembramos: “*os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos*”⁷⁷. Por isso chama a Ordem ou a Fraternidade que fundou de *Ordem de Irmãos Menores, Irmãos Menores!*

Francisco de Assis descobriu no Evangelho a imagem e o modo de trabalhar e operar de Deus: Cristo, o Filho do Pai, que se situa na história humana e entre os irmãos, como aquele que serve, como o menor. Ele foi o menor sendo o maior de muitos irmãos, como diz a carta aos Romanos⁷⁸. Seguir a Cristo significa recriar esse

⁷⁷ Mt 20,16.

⁷⁸ Cf. Rm 8,29.

mesmo movimento, como o fez o Bom Pastor. Isto é, situar-se na vida como irmão e menor. O Papa Francisco repropõe esses dois aspectos fundamentais para a mudança e a instauração da Fraternidade e da Amizade Universal.

2.1. A Fraternidade

A forma de Francisco de Assis situar-se na vida, na Igreja e no mundo, é como Irmão, **Irmão Francisco!** Ele o dirá exaustivamente, até o final de sua vida. Eu, irmão Francisco, o Senhor me concedeu a mim, Irmão Francisco, começar a fazer penitência⁷⁹. A autodefinição de irmão leva Francisco a superar diferenças e a ver os outros, inclusive aos que estão fora da Igreja, como irmãos. É o passo da hostilidade, isso é, daquele que é adversário, inimigo, ao passo seguinte, que é o da hospitalidade, fazer do outro um hóspede, um convidado em minha casa.

Todo encontro com o outro é um ponto de chegada e um ponto de partida, dirá o Papa Francisco. Francisco de Assis desaprova e desautoriza a violência e a agressividade e propõe, em seu tempo, a fraternidade e a paz como início

⁷⁹ Cf. *Testamento* 1: FF 110, entre outros.

de uma relação saudável e equilibrada. É o que o Papa propõe novamente à nossa sociedade, como um critério para construir, inclusive, como diz, uma política da caridade (cf. FT 180-182).

A diferença e a diversidade não serão um obstáculo, mas um desafio que, para desencadear um processo evangélico de encurtar as distâncias, visa criar espaços de comunhão e participação, geradores do dom da fraternidade. Francisco de Assis, nesse sentido, pode-se dizer com nossas palavras, é um líder proativo. A opção fraterna e de amizade estava no início do caminho de sua conversão, narrada com muita precisão por ele mesmo no Testamento, ao dizer:

como eu estivesse em pecados, parecia-me sobremaneira amargo ver leprosos. E o próprio Senhor me conduziu entre eles, e fez misericórdia com eles⁸⁰.

Francisco, quando estava em pecado, era-lhe amargo ver leprosos. Estava, ainda, vinculado à lógica do domínio e do poder sobre os outros. Foi conduzido, sem dúvida por Deus, entre os últimos da sociedade, aqueles que viviam fora dos muros, porque eram considerados perigosos: os

⁸⁰ *Testamento* 1-2: FF 110.

leprosos. Ao compartilhar a sorte deles, iniciou a fazer um processo de penitência, isto é, de conversão, de mudança. Começou a mudar os critérios da vida: da indiferença e do desprezo para com os pobres e leprosos, passou à lógica da misericórdia, isto é, da compaixão e da comiseração.

Realizou, desse modo, nova forma de inclusão social. Nessa perspectiva, o serviço de Francisco aos leprosos adquiriu um profundo significado político⁸¹: restituiu a eles, aos leprosos e aos pobres, a dignidade, chamando moralmente os habitantes de Assis à responsabilidade que cada um tinha para com esses que estavam à margem. O Papa, em sua Encíclica, lamenta que a humanidade, e nós com ela, mesmo tendo crescido em diferentes aspectos, ainda sejamos indiferentes e analfabetos na arte de cuidar e acompanhar os mais fracos:

somos analfabetos no acompanhar, cuidar e sustentar os mais frágeis e vulneráveis de nossas sociedades desenvolvidas. Habitamo-nos a olhar para o outro lado, passar à margem, ignorar as situações até elas nos caírem diretamente em cima (FT 64).

⁸¹ Cf. P. Maranesi, *Postfazione: Le radici francescane*, em *Fratelli tutti, Enciclica sulla fraternità e l'amicizia sociale*, introduzione di fra Enzo Fortunato e postfazione di fra Pietro Maranesi, Milano 2020, p. 215ss. Cf. p. 62 da presente publicação.

A experiência vivida por Francisco de Assis com os leprosos nos introduz no coração da Encíclica; apresenta um modo fraterno, mediante o qual os últimos são re-inseridos no tecido social. Isso, para o Papa, significa projetar uma sociedade que utilize critérios políticos de caridade. Critérios que superem e complementem aqueles pura e exclusivamente econômicos.

Esse é um forte chamado. Somente assim será possível enfrentar e debelar a grande crise migratória, como ele a chama, caracterizada por enormes e incontidos grupos de pobres que batem às portas de nossos países, cidades, etc., esperando encontrar em nossas estruturas condições de vida mais dignas e humanas. Aqueles que deixam suas terras buscam sempre um futuro e uma dignidade, não somente melhor, mas que corresponda às suas expectativas. Parece-me muito desafiador esse elemento.

2.2. A Minoridade

Passemos para um outro critério fundamental, que o Papa, relendo Francisco de Assis, propõe como um elemento para construir uma nova sociedade. Nessa

sociedade, de um lado está a fraternidade e do outro, a universalidade, que, para nós, é a minoridade: Irmão Menor. Esse segundo aspecto para ler o documento, que pode ser assumido de Francisco de Assis, está em relação com os aspectos humanos que deveriam caracterizar as pessoas de boa vontade, animadas pela paixão e conversão para a fraternidade universal: conversão à fraternidade universal.

Em relação a esse tema, temos um belo texto da tradição franciscana, que está na Regra Bulada⁸², que diz assim:

Aconselho, todavia, admoesto e exorto a meus irmãos no Senhor Jesus Cristo que, quando vão pelo mundo, não discutam nem alterquem com palavras (cf. 2Tm 2,14), nem julguem os outros; mas sejam mansos, pacíficos e modestos, brandos e humildes, falando a todos honestamente, como convém.

Para o Papa Francisco todos os que desejam pensar e gerar um mundo aberto deverão ter, necessariamente, um coração aberto ao mundo inteiro, como diz o capítulo IV da Encíclica. Um coração que, por uma parte, deverá estar

⁸² Regra Bulada III,11-12: FF 85. FF citam o texto nos vv. 10-11, diferentemente da Edição FFB/Vozes (nota do tradutor).

livre da rivalidade e das lutas e, por outra, repleto das atitudes humanas, caracterizadas por uma atitude que resume a todas, segundo o Papa: a amabilidade. Aqui entra a sabedoria, para nós franciscanos, da minoridade, como elemento importante para a instauração da fraternidade. Para São Francisco a minoridade está vinculada à mansidão, à modéstia e à humildade; valores que a concretizam.

Essa sabedoria, para o Papa, transforma-se numa estratégia: sem amabilidade não pode existir, diz ele, especialmente, no capítulo VI, diálogo e amizade social. Não é meramente casual que o Papa dedique, nesse capítulo, três números ao tema da amabilidade, que é uma belíssima reinterpretação da leitura do conceito e da importância da minoridade. E diz assim:

O exercício da amabilidade não é um detalhe insignificante nem uma atitude superficial ou burguesa. Dado que pressupõe estima e respeito, quando se torna cultura numa sociedade, transforma profundamente o estilo de vida, as relações sociais, o modo de debater e confrontar as ideias. Facilita a busca de consensos e abre caminhos onde a exasperação destrói todas as pontes (FT 224).

A paz e a minoridade estão intrinsecamente relacionadas, estão unidas. Somente quem está pacificado pode situar-se na vida como servo, servidor, menor. A opção pela não violência e a não agressividade deve se dar desde o mínimo ao máximo, haja vista que as grandes guerras começam no coração do homem, como se diz. A minoridade é o espaço para o encontro, o diálogo. E, nesse caso, a vida do Frade Menor se transforma num espaço de encontro e diálogo.

A explicação da expressão que Francisco usa na Regra, “*submissos a toda humana criatura*”, é: somos sempre, e em todo lugar, menores. O encontro com o diferente, com aquilo que é diferente de nós mesmos, não deteriora nem apaga a identidade, como diz o Papa.

É necessário, pois, superar os medos, o que purifica e consolida o que somos. Esse é o sentido da vivência e da sabedoria da minoridade e fraternidade. Como é belo pensar que a minoridade e a fraternidade possuem uma sabedoria e, como tal, são uma escola para nosso mundo e para nós. Converte-se em irmão aquele que é menor, e converte-se em menor aquele que é irmão. Não se pode

separar a fraternidade da minoridade. Estão vinculadas, são duas caras da mesma moeda, como dizemos.

A minoridade, pois, não é uma ideologia, uma construção somente intelectual. É uma práxis, uma prática, é um modo de vida para Francisco de Assis. Ele não foi um teórico, mas um homem prático, concreto. O motivo profundo da universalidade da fraternidade surge de sua compreensão e experiência que teve do Reino de Deus e, que, o Papa Francisco recupera em todos os seus recortes.

Aqui está o núcleo. Francisco de Assis crê que o Reino inicia no coração dos homens, no coração de cada pessoa, e não somente nos territórios e nas estruturas externas. O motivo profundo da universalidade da fraternidade surge, pois, da compreensão e da experiência do Reino de Deus. O Pobrezinho crê que o Reino inicia no coração de cada homem, como um dom, a partir do qual cresce e se expande, chegando a criar círculos positivos, círculos de evangelização, círculos de inclusão, círculos de diálogo.

A minoridade é, então, o anúncio de uma boa notícia e um convite para participar da nova compreensão da

pessoa, dos outros, de Deus e da criação. O Reino instaura novo modo de relacionar-se. Engloba diretamente as quatro dimensões relacionais da pessoa humana: a relação consigo, a relação com Deus, o transcendente, a relação com os outros e a relação com a criação e com as coisas. Não se pode ser menor sem ser irmão.

O Reino instaura esse novo modo de relacionar-se, um modo saudável, equilibrado; um modo que gera, que cria, porque nosso Deus é um Deus criador, que sempre cria a vida. Essa proposta tem um conteúdo que é expresso na intenção de Francisco de Assis ao anunciar a penitência, isto é, a conversão e a paz.

Francisco de Assis sentiu-se enviado para ser irmão e menor. Parece-me que esses dois elementos são os fundamentos essenciais que o Papa apresenta na Encíclica e que, curiosamente, se enraízam e tocam as duas bases, as duas torres, os dois fundamentos essenciais de nossa forma de vida: sermos irmãos e sermos menores.

3. Características que criam a fraternidade e a amizade universal, segundo Francisco de Assis e a Encíclica Fratelli tutti

Passamos ao terceiro ponto: *as características que criam a Fraternidade e a Amizade Universal, segundo São Francisco de Assis e a Encíclica Fratelli tutti*. Aqui já passamos a tornar concretos os elementos acima vistos, que poderíamos chamar de teológicos e carismáticos, que inspiraram a Francisco de Assis e ao Papa Francisco, para fazer-nos esta belíssima proposta para o mundo de hoje.

Francisco envia os irmãos a ir pelo mundo. E diz:

Quando os irmãos vão pelo mundo, nada levem pelo caminho, nem bolsa (cf. Lc 9,3; 10,4) nem sacola nem pão nem dinheiro (cf. Lc 9,3) nem bastão (cf. Mt 10,10). E, em qualquer casa em que entrarem, digam primeiramente: Paz a esta casa (cf. Lc 10,5). E, permanecendo na mesma casa, comam e bebam do que eles tiverem (cf. Lc 10,7). Não resistam ao mau (cf. Mt 5,39), mas àquele que lhes bater numa face, ofereçam-lhe também a outra (cf. Mt 5,39 e Lc 6,29). E a quem lhes tirar a veste, não lhe proibam de tirar também a túnica (cf. Lc 6,29). Tenham atenção para com todo aquele que lhes pede: E se alguém lhes tirar as coisas que são suas, não as peçam de volta (cf. Lc 6,30)⁸³.

⁸³ Regra não Bulada XIV,1-6: FF40.

O mundo, para Francisco de Assis, é um lugar de encontro. Não é, pois, um lugar de desencontro ou de fuga⁸⁴. Ele tem uma visão muito positiva da criação e do mundo dos homens. Poder-se-ia dizer, uma visão positiva da criação. Os irmãos vão e vivem no mundo numa condição bem precisa e clara: como peregrinos e forasteiros (estrangeiros); o que nós designamos como “itinerantes”.

Francisco de Assis, e isso é lindo, vai despojado ao encontro do outro. Não porque quer ‘apresentar-se despojado’, como atitude a qual submeter-se, senão que esta é sua forma de ir pelo mundo. É a expressão e a radicalização do elemento fundamental da nossa vida: *sine proprio*, sem próprio, isso é, despojados, itinerantes. Expressões que levam a identificar algumas atitudes concretas, que manifestam a identidade e caracterizam o pensamento de Francisco de Assis e que encontram acolhida, atualização e concretização na Encíclica do Papa, *Fratelli tutti*.

⁸⁴ B. Molina, *Francisco y el Islam*, “un nuevo y novedoso modo de relacionarse”, em *Estudios Franciscanos* 120 (2019) 287-292.

3.1. A penitência

A primeira, **a penitência**, que, ao mesmo tempo, poderíamos chamar de penitência coletiva, como o insinua e provoca o Papa Francisco, é um elemento constitutivo de nossa forma de vida, de toda nossa Família Franciscana e de toda a Igreja. A fraternidade, ser irmãos e irmãs, requer e exige um caminho, um processo de conversão. A fraternidade exige um caminho de conversão.

O convite de Francisco de Assis, para fazer penitência, está em relação direta com o convite que Jesus faz no Novo Testamento, isto é, a conversão, a mudança de vida, a volta, o regresso, o retorno para Deus. A penitência, para Francisco de Assis, deve ser entendida neste sentido bíblico. Uma mudança radical no modo de pensar, sentir e agir, para assumir o modo de pensar, sentir e agir de Jesus Cristo.

Isto mediante uma dupla operação, como Francisco o diz Carta aos Fiéis: a) em primeiro lugar, tomar consciência das próprias opções, que conduzem à morte ou à vida sem Deus⁸⁵ e, em segundo lugar b) substituir tais

⁸⁵ *Carta aos Fiéis, Segunda recensão*, 63-85: FF 203-205.

opções negativas por opções animadas pela Boa Notícia da paternidade de Deus, temos um Pai, transformando-as em misericórdia para com os outros e para todos⁸⁶. Somente o Espírito do Senhor, com a disponibilidade da natureza humana, pode fazê-lo. Peçamo-lo como dom. A base da visão que Francisco tem do mundo está radicada numa razão que deseja abraçar a todos, a cada homem e a cada mulher. Para quê? Para oferecer-lhes uma palavra de conversão⁸⁷.

O Papa Francisco, com seu texto, quer fazer algo semelhante. A perspectiva de fundo é precisa, propõe uma reflexão que se abre ao diálogo com todas as pessoas de boa vontade, a todos os homens e mulheres. Francisco de Assis o diz assim: a todos os irmãos, a todos os homens e mulheres, e a todos aqueles que querem iniciar um caminho de conversão. O Papa oferece a todos um novo sonho de Fraternidade e de Amizade Social. Isso será possível somente por meio de um ato de penitência coletiva, isto é, de uma conversão coletiva, por meio da qual podemos

⁸⁶ *Carta aos Fiéis, Segunda recensão*, 16-62: FF 186-202.

⁸⁷ Cf. P. Maranesi, *Postfazione: Le radici francescane*, p. 212. Cf. p. 58 da presente publicação.

tomar consciência dos perigos que toda a humanidade está correndo, por causa das opções sociais e econômicas, que estão motivadas pelo egoísmo dos mais fortes e pela indiferença na relação com os mais desafortunados, rejeitados, pobres, periféricos, desta maneira criando pressupostos, obviamente, para a violência e o desencontro, palavras absolutamente contrárias e inimigas da espiritualidade franciscana e da Encíclica *Fratelli tutti*.

O primeiro capítulo da Encíclica, *sombras de um mundo fechado*, é forte e clara denúncia sobre os pecados de nossa sociedade. Essa sociedade que deixa à margem do caminho, golpeados pela pobreza e injustiça, muitos homens e mulheres sem esperança de uma vida melhor. Que forte é esta expressão: roubar a esperança, matar a esperança!⁸⁸. O Papa propõe, no capítulo dois, *um estranho no caminho*, o Bom Samaritano, qual modelo, evidenciando os critérios de uma nova relação: a compaixão e a misericórdia. Palavras absolutamente evangélicas e, sobretudo, franciscanas. É a releitura que

⁸⁸ Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, 86.

Francisco de Assis faz da experiência e do anúncio de Jesus Cristo.

3.2. O encontro

Um segundo elemento a ser ressaltado é o encontro. Francisco de Assis descobriu que Deus é encontro, que Deus é abraço. Descobre-o ao contemplar o movimento misericordioso de Deus, realizado na pessoa de seu Filho Jesus Cristo: Ele se faz homem, assume a Cruz, redime, cura, salva e doa a vida nova. O modelo de encontro é o envio do Filho de Deus, Jesus Cristo, o rosto visível do Pai.

Francisco de Assis é homem de viagens, testemunham-no, especialmente, as fontes hagiográficas. Ele gostava de viajar⁸⁹. Andava, ia para pregar ao Sultão, ao Papa, às aves, a todos. Francisco de Assis é um homem de viagens e de encontros; tinha a intenção de se relacionar com a realidade e a cultura, diferentes da sua. Ele, sobretudo, vai além dos confins e dos limites da Igreja. Gostava e sentia-se motivado, e apreciava ir ao encontro

⁸⁹ B. Molina, *Francisco y el Islam*, 271-272.

dos outros, de forma especial dos diferentes, que, no seu tempo eram considerados inimigos.

A vocação de Francisco de Assis, desde o início, está marcada por encontros. Encontrou os leprosos, os periféricos; encontrou Jesus Cristo e a Jesus Cristo Crucificado, numa Igreja destruída; encontrou Jesus Cristo no Evangelho e no seio de uma Igreja pobre, fora da cidade de Assis. Encontrou os irmãos. E encontrou-os no caminho. Ou podemos dizê-lo de outra forma: encontrou pessoas no caminho, que logo se transformaram em irmãos.

Existe uma particularidade no encontro: ele sempre é um ponto de chegada e de partida, e requer, como diz o Papa, aprender a estar; ou como diz Francisco de Assis, a estar entre, “INTER”. Isso requer permanecer, relacionar-se, conhecer, instaurar vínculos. O encontro torna possível, ou pode tornar possível, o desencadeamento de um processo de proximidade e de reconhecimento, que permite sentir-se irmão do outro. Isso exige, como todos o sabemos, tempo, muita paciência e respeito.

A fraternidade não se cria falando de fraternidade. Isto é ideologia. A fraternidade é criada com atitudes

concretas, de confiança, compaixão e solidariedade. Quando eu me transformo num ser confiável, numa pessoa compassiva e numa pessoa solidária, começa, então, a surgir fraternidade.

3.3. Respeito (amabilidade)

Outro elemento importante é o respeito, a amabilidade. Francisco de Assis sabe que o Reino de Deus nasce e cresce no coração de cada pessoa e que não é a conquista de um território, de pessoas, etc., que torna possível o Reino. O Pobrezinho sempre se apresenta diante dos outros sendo respeitoso e cortês, pois a primeira expressão do amor é o respeito. Ele sabe que o respeito é a base fundamental para uma convivência saudável e pacífica entre os membros de uma sociedade e comunidade, como também o sublinha Papa Francisco.

Respeitar alguém, e isso é fundamental, significa tratá-lo de acordo com sua dignidade. A falta de respeito não é somente uma descortesia ou má educação. É algo muito mais forte. É, sobretudo, injustiça. Onde existe respeito, como diz Francisco de Assis, há caridade e

sabedoria; ali, então, não existe temor nem ignorância⁹⁰. Cria-se confiança. Criam-se vínculos. Não existem rivalidades. O irmão Francisco de Assis descobriu que o respeito é a base para iniciar qualquer tipo de diálogo, especialmente o diálogo entre culturas e religiões ou entre tradições religiosas.

O Papa chama o exercício da virtude do respeito de amabilidade, que requer, em nosso seguimento e em nossa proposta carismática para o mundo de hoje, iniciativa e criatividade. Diz assim:

O individualismo consumista provoca muitos abusos. Os outros tornam-se meros obstáculos para a agradável tranquilidade própria e, assim, acaba-se por tratá-los como incômodos; e a agressividade aumenta. Isso se acentua, e atinge níveis exasperantes em períodos de crise, situações catastróficas, momentos difíceis, quando aflora o espírito do “salve-se quem puder”. Contudo, ainda é possível optar pelo cultivo da amabilidade; há pessoas que o conseguem, tornando-se estrelas no meio da escuridão (FT 222).

⁹⁰ Cf. *Saudação às Virtudes* 1-18: FF 256-258.

3.4. Diálogo

Outro elemento fundamental da Encíclica *Fratelli tutti* é o diálogo, a busca de pontos de contato. O Papa, no capítulo IV, diz:

Aproximar-se, expressar-se, ouvir-se, olhar-se, conhecer-se, esforçar-se por entender-se, procurar pontos de contato: tudo isto se resume no verbo “dialogar”. Para nos encontrar e ajudar mutuamente, precisamos dialogar (FT 198).

Francisco de Assis quis entrar em relação com os outros, especialmente, com aqueles das periferias, os leprosos, os pobres, os infiéis. Ele provoca e busca o encontro. Vai com uma mensagem e quer dialogar. Deseja comunicar ideias, sentimentos e propostas. Também quer escutar. E escuta.

Aqui tocamos em outro elemento fundamental: a melhor maneira de acolher o outro é escutá-lo. Francisco de Assis é um homem empiricamente consciente de que o diálogo é a base para estabelecer e construir relações humanas credíveis e fraternas. Ele escuta assim como vai: despossuído, despojado, livre de pré-juízos e interesses. Que grande desafio: livre de pré-juízos e interesses! Escutar despossuído, despojado, significa não pretender nada e não

esperar nada. Atitudes nada fáceis de cumprir num ambiente impositivo, cheio de pré-juízos, desqualificador e tão pouco tolerante como o nosso.

Ir assim não significa passividade ou indiferença. Na linguagem dos escritos significa novidade e surpresa; abertura ao outro, à diferença e, sobretudo, abertura e disposição para acolher a bondade do outro, a olhá-lo com um coração puro, com um coração pobre.

O último aspecto, que o Papa quis sublinhar na Encíclica em relação ao diálogo, é o diálogo inter-religioso. O Papa quis citar, nesse caso, o famoso e importante capítulo XVI da Regra não Bulada, que faz referência aos irmãos que vão entre os Sarracenos, o qual diz:

Os irmãos que vão [...]podem de dois modos conviver espiritualmente entre eles. Um modo é que não litiguem nem porfiem, mas sejam submissos a toda criatura humana por causa de Deus (1Pd 2,13) e confessem que são cristãos. Outro modo é que, quando virem que agrada a Deus, anunciem a palavra de Deus, para que creiam em Deus onipotente, Pai, Filho e Espírito Santo (cf. Mt 28,19), Criador de todas as coisas, no Filho redentor e salvador, e para que sejam batizados e se tornem cristãos, porque quem não renascer da água e do

*Espírito Santo não pode entrar no reino de Deus (cf. Jo 3,5)*⁹¹.

Com os irmãos muçulmanos, que naquele tempo eram considerados inimigos e adversários, Francisco de Assis não vai contra eles. Ele vai encontrá-los; vai para estar com eles⁹². Os Frades, por sua vez, devem aplicar para com eles as mesmas estratégias que usam para com os irmãos cristãos. Os irmãos devem se comportar, sempre e em todo lugar e com quem quer que seja, com a habitual minoridade, com a qual se comportam entre si. Isso porque a minoridade é um modo de ser. É um modo de situar-se na vida. E contém, sobretudo, um elemento relacional. Sempre posso situar-me diante do outro como menor, como aquele que serve.

A valorização, que o Papa faz do texto da Regra não Bulada XVI, parece interessantíssima e é emblemática para clarificar sua visão. O Papa, na atitude de Francisco de Assis, encontra uma confirmação decisiva para evidenciar o diálogo religioso: a mesma visão do Reino, as religiões

⁹¹ *Regra não Bulada XVI,5-7*: FF 43.

⁹² Cf. L. Lehmann, *Il significato dela preposizione inter negli Scritti di Francesco d'Assisi*, *Lectio magistralis* (28 maggio 2019), en *Antonianum* 95 (2020), 951.

estão a serviço da amizade e fraternidade universal. Ele não podia deixar de dedicar o último capítulo à grave questão da diversidade religiosa.

As religiões ao serviço da fraternidade do mundo são estimuladas pela rejeição que Francisco de Assis faz de qualquer forma de violência e rivalidade, para com os diferentes, os não-crentes. O Papa não quer ficar à margem da grande crítica do mundo contemporâneo às religiões: religião e violência. Deixa-nos um questionamento: as diferentes religiões são instrumento de paz ou de violência?

A resposta do Papa Francisco é clara: toda expressão que contém, que realiza ou que provém de uma transcendência, em nosso caso, de Deus, sempre criará espaços positivos de inclusão, de paz, de diálogo, de promoção e opor-se-á, radicalmente, à violência, à exclusão e à agressividade. É muito interessante esse elemento.

3.5. Inclusão

Outro ponto importante é a inclusão. A proposta cristã de Francisco de Assis, como a do Papa Francisco, é integradora e universal. É uma visão inclusiva, que parte do

reconhecimento de que Deus fez tudo bem e de que todas as pessoas têm potencialidades e habilidades próprias, diferentes umas das outras. Não se pode, e este é um elemento importantíssimo e um critério para as nossas relações fraternas imediatas, tratar a todos da mesma forma. Isto não é justo. As diferenças são importantes. E, neste sentido, as diferenças fazem crescer.

Francisco de Assis deseja que se fomente e garanta que cada pessoa seja parte de um projeto, no caso, do projeto do Reino, e que não permaneça separada desse projeto. Por isso ele vai ao encontro dos outros, daqueles que estão mais distantes. Este é o passo, como dizíamos anteriormente, que muda a visão: o outro, hostil e inimigo, passa a ser considerado com respeito. O outro é alguém ao qual eu posso dar entrada na minha vida, alguém com quem seja possível con-viver, criar e con-criar. A diversidade, para Francisco de Assis, não é um problema. Para Francisco de Assis e Papa Francisco existe, contudo, um problema, qual seja: que o outro não faça parte, não entre na comunhão, que seja excluído, ou mais ainda, que ele se autoexclua do Reino de Deus.

O capítulo quarto da Encíclica *Fratelli tutti* centra-se na problemática migratória, por exemplo. É verdade segura de que o ideal é que todas as pessoas encontrem em seus países de origem as possibilidades efetivas de viver e crescer com dignidade. Porém, enquanto não for assim, toca-nos respeitar o direito de toda pessoa humana de encontrar um lugar onde possa, não somente, satisfazer suas necessidades básicas, bem como as da sua família, senão que também possa realizar-se integralmente como pessoa. Essa é a ideia da Casa Comum, já trabalhada na Encíclica *Laudato si'*. O Papa lembra que o esforço para com os migrantes resume-se em quatro verbos: acolher, proteger, promover e integrar.

Esses são os verbos que resumem as relações fraternas dos irmãos, que estão muito bem tipificadas na Regra não Bulada, da qual estamos celebrando os 800 anos. O Papa diz-nos que:

precisamos de fazer crescer a consciência de que, hoje, ou nos salvamos todos ou não se salva ninguém. A pobreza, a degradação, os sofrimentos dum lugar da terra são um silencioso terreno fértil de problemas que, finalmente, afetarão todo o planeta (FT 137).

Somos todos irmãos. Todos participamos de uma mesma casa comum, temos o mesmo Pai, temos as mesmas responsabilidades e direitos. Essa é a perspectiva para uma fraternidade saudável.

Quando lia e preparava esse aspecto da inclusão, senti-me muito interpelado. Sintetizando o Papa Francisco, parece ser possível afirmar: Toda fraternidade saudável é uma fraternidade aberta e acolhedora, por natureza. De tal forma que, uma fraternidade, sem valores universais, não é verdadeira fraternidade minorítica. A fraternidade minorítica, obviamente, enraíza-se na dinâmica do Reino e dela participa. E o Reino vai muito além das estruturas.

3.6. Pacificação

A pacificação é outro elemento importante, a partir do qual se cria e se concretiza a fraternidade universal. Francisco de Assis não somente vai pelo mundo. Ao fazê-lo, apresenta uma mensagem de paz, que o Senhor lhe confiara para todos. Ele vai como homem pacificado, reconciliado. Recomendo-vos rezar e contemplar, nesta

perspectiva, o belíssimo Cântico das Criaturas⁹³. Somente quem está pacificado pode anunciar e gerar a paz. É o que Francisco recomenda aos irmãos: sejam pacíficos, mansos, humildes.

Esse é o contexto que torna possível a manifestação do rosto sereno, amigo e amável de Deus. O frade menor, por natureza e essência, é ou deveria ser um rosto sereno e amável de Deus, o Pai. A experiência do mistério da salvação gera, como fruto, reconciliação, paz, minoridade.

O convite à paz, no espírito do Evangelho, soava, com certeza, estranho à sociedade de Francisco de Assis, uma sociedade sufocada pelas armas e pela violência, como também acontece nos dias de hoje, lamentavelmente. Francisco realiza o anúncio da paz e, ao mesmo tempo, apresenta-se pacificado e desarmado. As fontes franciscanas, de modo geral, concordam que muitos, pela mensagem de Francisco, se converteram à paz e abraçaram a salvação.

O Papa Francisco fala da caridade política, que pede inteligência para as soluções capazes de favorecer a paz,

⁹³ *Cântico do Irmão Sol ou Louvores das Criaturas* 1-14: FF263.

fundamentada na justiça. Sobre esse propósito vem em mente o episódio, na experiência de Francisco de Assis, que pode ser lido como base das estratégias que o Papa propõe da narração ou da parábola narrativa do lobo de *Gubbio*⁹⁴. Ela é muito conhecida. Nela Francisco transforma-se num operador de paz, entre a cidade e o lobo, o lobo agressivo e feroz. Somente a partir do diálogo é possível iniciar estratégias políticas capazes de promover, entre as partes, soluções de justiça e de respeito. Não somente no mundo, mas também em nossas relações interpessoais.

“Tu, irmão lobo, deixe de viver a violência” e “vocês habitantes de Gubbio, assegurem-lhe vida digna, com o compromisso de alimentá-lo todos os dias”. Eis a sentença final com a qual se conclui a narração do lobo de *Gubbio*, quando os habitantes de *Gubbio* aceitam o lobo e o pacto comum, pela mediação de Francisco⁹⁵. Essa atitude poderia ser assumida como chave de leitura para os estímulos políticos propostos pelo Papa Francisco, os caminhos de reencontro.

⁹⁴ *I Fioretti*, Capítulo XXI: FF 1852.

⁹⁵ Cf. P. Maranesi, *Postfazione: Le radici francescane*, 216. Cf. p. 63 da presente publicação.

Os temas abordados pelo Papa, nesse contexto, são aqueles realizados por Francisco, em *Gubbio*: recomeçara partir da verdade (FT 226-227); converter-se em artesãos da paz (FT 228-232); identificar-se, especialmente, com os últimos (FT 233-235); e fazer triunfar entre todos o valor e o significado do perdão, como gerador de vínculos (FT 236-245).

O último parágrafo, deste mesmo capítulo, vincula o texto da parábola com o que o Papa diz sobre a rejeição definitiva da pena de morte: “*Hoje, afirmamos com clareza que ‘a pena de morte é inadmissível’ e a Igreja compromete-se decididamente a propor que seja abolida em todo o mundo*” (FT 263). Relação que vale, poder-se-ia dizer, para com o lobo feroz.

3.7. Simplicidade

Finalmente, um último elemento tão querido para nós franciscanos, que o Papa evidencia e concretiza: a simplicidade. Simplicidade que não significa superficialidade. A simplicidade significa profundidade, pois aponta para o essencial. Para ser uma pessoa simples,

uma pessoa essencial, devemos ser pessoas profundas, ter opções claras, que tolhem o superficial da vida, que, às vezes confunde e faz perder.

Uma das primeiras exortações, dirigidas por Francisco de Assis aos irmãos, que, por divina inspiração, querem ir entre os infiéis ou os que não creem, é a recomendação do Evangelho: “*sejam simples como pombas*”⁹⁶. A simplicidade não é sinônimo de ignorância ou superficialidade. Francisco de Assis e o Papa Francisco sabem que, para iniciar e estabelecer relações humanas saudáveis e equilibradas, é necessário partir da autenticidade do ser e de uma intenção purificada, que exclua todo e qualquer tipo de duplicidade e hipocrisia.

Duplicidade e hipocrisia são vícios que não permitem criar fraternidade, muito menos a fraternidade universal e a amizade universal. A simplicidade gera confiança, que não é um objetivo a ser alcançado, mas a manifestação de algo que se cria com a vida e com o modo

⁹⁶ Regra não Bulada XVI, 2: FF 42.

de ser⁹⁷, como dirá Francisco na Regra Bulada e na Regra não Bulada: “*manifestem uns aos outros suas necessidades*”⁹⁸.

A partir dessa perspectiva, o Papa Francisco, na Encíclica *Fratelli tutti*, lembra que o processo de paz é um compromisso constante, permanente:

É um trabalho paciente de busca da verdade e da justiça, que honra a memória das vítimas e abre, passo a passo, para uma esperança comum, mais forte que a vingança (FT 226).

A esperança comum, mais forte do que a vingança! É uma superação. Nesse processo é indispensável a transparência e a perseverança na memória histórica, pois, “*a verdade é uma companheira inseparável da justiça e da misericórdia*” (FT 227). O Papa pede a nós, irmãos menores e a todos os cristãos, uma opção radical pela profundidade, pela interioridade e pela transparência, a disciplina ou ascese do silêncio, segundo a proposta evangélica de Francisco de Assis.

⁹⁷ B. Molina, “*Manifestare la necessità...*” *un’occasione per il dialogo*, en *In dialogo. Metodo scientifico e stile di vita*, a cura di L. Bianchi e R. Di Muro, Roma, 2020.

⁹⁸ Cf. *Regra Bulada* VI,9: FF 91; *Regra não Bulada* IX,10: FF 32.

Conclusão

O desejo de Francisco de Assis em anunciar a penitência e instaurar a paz, como paixão pela fraternidade universal, surge da fonte da vivência e do anúncio do Evangelho para todos os homens. Ele o entendeu com clareza e o assumiu como programa e forma de vida. Diz: *“A Regra e vida dos Frades Menores é esta: observar o santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo”*⁹⁹.

A mensagem do Evangelho é uma proposta que ele quer compartilhar. Não é uma implantação proselitista e discriminatória. Francisco de Assis quis difundir as palavras do amor e da paz do Evangelho entre aqueles que a hierarquia da Igreja e a sociedade consideravam excluídos da salvação: ele viveu a verdade e a liberdade do Evangelho.

Esse é um dos valores que o Papa sublinha. Ele levou a sério os outros e os diferentes, porque levou a sério o anúncio do Reino de Deus. O Papa assim o diz:

Se a música do Evangelho parar de vibrar nas nossas entranhas, perderemos a alegria que brota da

⁹⁹ *Regra Bulada I,2: FF 75.*

compaixão [que é o outro rosto da minoridade]¹⁰⁰, a ternura que nasce da confiança, a capacidade da reconciliação que encontra sua fonte no fato de nos sabermos sempre perdoados-enviados. Se a música do Evangelho cessar de repercutir nas nossas casas, nas nossas praças, nos postos de trabalho, na política e na economia, teremos extinguido a melodia que nos desafia a lutar pela dignidade de todo homem e mulher (FT 277).

¹⁰⁰ Observação feita pelo autor, durante a leitura do parágrafo.

ALGUNS BREVES DADOS SOBRE OS AUTORES

Bernardo Molina

Frei Bernardo Molina é Frade Menor Capuchinho, pertence à Província São Francisco de Assis, no Chile. Em 2005, licenciou-se em Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Chile. Prestou vários serviços na animação e formação em sua Ordem. Realizou seus estudos de pós-graduação na Pontifícia Universidade *Antonianum*, em Roma, obtendo o grau de Doutorado com a tese: «O Reino de Deus no pensamento eclesiológico e escatológico de São Francisco de Assis, segundo seus Escritos e Fontes Hagiográficas dos séculos XIII e XIV», sob a orientação de Leonhard Lehmann e o acompanhamento de Fernando Uribe (†). Atualmente é professor na Escola Superior de Estudos Franciscanos de Madri e no Instituto Franciscano de Espiritualidade, em Roma (Pontifícia Universidade *Antonianum*). É autor de vários artigos e livros sobre Espiritualidade Franciscana, tradutor de várias obras hagiográficas do século XIII e participa da comissão para a redação da nova edição das *Fuentes Franciscanas*, em espanhol.

Enzo Fortunato

Jornalista, Diretor da Sala de Imprensa do Sacro Convento de Assis, Diretor da Revista mensal “*San Francesco Patrono d'Italia*” e do portal *sanfrancesco.org*. Frade Menor Conventual. Foi professor junto à Pontifícia Universidade Antoniana, Roma; do Instituto Teológico de Assis e da Pontifícia Faculdade Teológica São Boaventura. Orientador espiritual dos jovens postulantes, entre 1995 e 2004; idealizou a coleção “*Orientamenti formativi francescani*”, editada pelo *Messaggero*. Em março de 2012, com o volume “*Siate amabili*”, prefaciado pelo Cardeal Gianfranco Ravasi, recebeu o prêmio internacional de jornalismo “*Biagio Agnes*”. Em 2014, pela Editora Mondadori, publica “*Vado da Francesco*” e “*Francesco il ribelle*”, Milano 2019, que lhe deu o Oscar em História, pela Mondadori. Foi colaborador do Observatório Romano e escreve para o *Avvenire*, *Corriere della Sera* e *La Repubblica*. Desde junho de 2011, possui um programa que vai ao ar cada sábado, na *Rai 1*, com o título “*Tg 1 Dialogo*”. Delicadas e significativas são suas missões por projetos humanitários e de solidariedade, na busca da paz e do bem comum.

Giuseppe Buffon

Giuseppe Buffon, Frade Menor Franciscano, é professor ordinário de História da Igreja junto a Pontifícia Universidade Antoniana, Roma. Foi Diretor da revista *Antonianum*. Atualmente é o decano da Faculdade de Teologia, Diretor científico do projeto de pesquisa “*Verso una rete internazionale per l'ecologia integrale*” e Diretor do curso profissional em Ecologia integral do mesmo Ateneu. Colabora com diferentes Revistas, entre as quais: *Revue d'Histoire Ecclésiastique*, *Rivista di Storia della Chiesa in Italia*, *Catholic Historical Review*, *Sémata*, *Archivum Franciscanum Historicum*, *Archivio Italiano di Storia della Pietà*, *Internationale Zeitschrift für*

Humboldt Studien, Archivo Íbero-Americano. Sua atividade de pesquisa está focalizada sobre a definição de um franciscanismo moderno e contemporâneo.

Pietro Maranesi

Frade Menor Capuchinho. De 1986 a 1988, frequentou o curso de especialização em Dogmática, na Universidade Gregoriana de Roma, na qual, em 1992, defendeu sua tese doutoral intitulada *Il concetto di “Verbum inspiratum”*, em São Boaventura. De 1988 a 1990 esteve na Alemanha, frequentando os cursos de especialização medieval junto ao *Grabmann-Institut - München*. Em 1990, foi nomeado membro do Instituto Histórico dos Capuchinhos, em Roma, no qual desenvolveu amplo trabalho de pesquisa e publicações, centradas sobre a Teologia medieval-franciscana. Professor de História e Teologia franciscana e medieval na Licenciatura em Teologia e Estudos franciscanos do Instituto Teológico de Assis e junto à Pontifícia Universidade Antonianum, em Roma. É autor de numerosas publicações, entre as quais: *Caro Leone ti scrivo. Gli autografi di Francesco: memoria di una grande amicizia* (Messaggero, 2020); *Francesco e il lupo. Strategie politiche per una società inclusiva* (Aboca, 2020); *Verba scripta. Un'introduzione agli scritti di frate Francesco* (Cittadella Editrice, insieme a S. Ceccobao e C. Vaiani, 2020); *Francesco fratello di tutti. La fraternità nella proposta del Santo di Assisi*. (Cittadella Editrice -Assisi, 2021).

ISBN: 978-65-88060-17-9

TCL



9 786588 060179